



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS -  
FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: LARA AMORIM  
ÁREA: Antropologia Social

## **O conteúdo fotográfico da notícia: a cobertura do Jornal de Brasília de Acidentes de Trânsito com vítimas fatais no DF**

Sara Almeida Campos  
RA: 2046308/1

Brasília, Maio de 2008

Sara Almeida Campos

## **O conteúdo fotográfico da notícia: a cobertura do Jornal de Brasília de Acidentes de Trânsito com vítimas fatais no DF**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professora Doutora em Antropologia Social  
Lara Amorim

Brasília, Maio de 2008

Sara Almeida Campos

# **O conteúdo fotográfico da notícia: a cobertura do Jornal de Brasília de Acidentes de Trânsito com vítimas fatais no DF**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

## **Banca Examinadora**

---

Prof. Dra. Lara Amorim  
Orientadora

---

Prof. Humberto Rocha  
Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Renata Giraldi  
Examinador

Brasília, Maio de 2008

## Dedicatória

Dedico esta monografia a meu pai Flávio Campos, pelo constante apoio e inspiração na escolha desta profissão. À minha mãe Márcia Campos, que me proporcionou um grande senso crítico durante toda a minha infância e a maior fonte de amor que eu poderia ter. À minha irmã Raquel Almeida Campos e avós José de Almeida Costa e Maria Graça de Oliveira Almeida, pelo amor incondicional e grande contribuição na formação do meu caráter. Ao meu tio Marcos Jacob de Oliveira Almeida, inspiração na eterna busca do conhecimento.

A todas as famílias que lutam diariamente para preservar a imagem de seus entes queridos, vítimas de acidentes de trânsito e da imprensa sensacionalista.

## Agradecimentos

Agradeço à orientadora Lara Amorim, por ter acreditado sempre em meu tema e em minha capacidade analítica. À jornalista Renata Giraldi, que transmitiu o amor e conhecimento por esta encantadora profissão. Ao professor Beto Rocha, por despertar em mim a sensibilidade necessária para analisar fotografias. Aos amigos Carla Carvalho, Victor Martins e João Filipi Porto, que, apesar das dificuldades, acreditam na prática do jornalismo guiado pelo coração. Ao companheiro da etapa final Rodolfo Santos, que esteve ao meu lado em momentos mais difíceis deste processo. Ao repórter fotográfico Antônio Siqueira, exemplo de ética no fotojornalismo. À jornalista Dora Ribeiro, pela constante ajuda na revisão deste conteúdo. Aos amigos Bruna Teles, Maryella Sobrinho, Marcelo Albuquerque, Henrique Ribeiro, Hugo Henrique Araújo e Vanessa Mattos por acreditarem em mim, sempre.

*"O jornalismo é, antes de tudo e sobretudo, a prática diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter."*

Cláudio Abramo

## RESUMO

As imagens de acidentes de trânsito têm sido cada vez mais comuns em jornais do Distrito Federal. Os editores as utilizam para atrair o leitor e garantir a vendagem destes impressos. A abordagem dos repórteres fotográficos em acidentes de trânsito costumam ser diferentes: essa realidade revela um olhar do profissional sobre o acidente documentado. Esta monografia procura refletir sobre as implicações éticas destas fotos a partir de uma análise iconográfica de 10 fotografias de acidentes de trânsito publicadas pelo *Jornal de Brasília* entre os meses de julho e novembro de 2007, 4 meses.

**Palavras-chave:** fotojornalismo, acidentes de trânsito, abordagem fotográfica

## SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 O <i>Jornal de Brasília</i> .....	14
2 Mudanças.....	16
3 O Fotojornalismo no Brasil .....	17
4 Caminhos para o Fotojornalismo.....	17
5 A primeira imagem jornalisticamente brasileira .....	18
6 Origem da Imprensa no Brasil.....	19
7 Popularização da imagem no Brasil .....	20
8 Fotojornalismo.....	21
9 Elementos fotográficos .....	23
10 Seleção de imagens.....	24
11 Definindo o que é notícia .....	25
13 Gatekeeper .....	29
14 Número de mortes no Trânsito .....	30
15 Análise das imagens .....	30
Conclusão .....	49
Bibliografia.....	51
Anexos.....	52
Apêndice.....	57



## Introdução

Antes do surgimento das ferramentas tecnológicas que facilitaram a transmissão de notícias em tempo real, o jornal impresso tinha um papel fundamental de informar o leitor em primeira mão com notícias "quentes". O principal atrativo desse veículo de comunicação eram as *hardnews*; termo que define as notícias factuais.

Com a implementação dos veículos de comunicação em tempo real como a televisão, o rádio e principalmente o advento da internet, o jornalismo impresso passou, e passa por modificações para permanecer com seu espaço na mídia e continuar sendo atrativo para o público.

Após o avanço da Comunicação, o jornalismo impresso teve um novo papel na sociedade brasileira -- o de produzir conteúdo com mais detalhes, e levar o leitor à reflexão dos fatos considerados notícia. (Apud, PENNA, 2005).

Estas transformações também atingiram o trabalho do repórter da mídia impressa; que passou a coletar informações minuciosas sobre a notícia.

Outra ferramenta que ganhou notoriedade foi o fotojornalismo; elemento imprescindível para a produção da notícia impressa.

No que se refere à diagramação (disposição de informações e imagens em um determinado espaço) esta favoreceu a visibilidade das fotografias, que disputam ao lado dos títulos das reportagens, a atenção do leitor. A fotografia deixa de ser apenas uma reprodução da realidade, cumprindo assim um significativo papel; um elemento primordial para a seleção de publicação de notícias. O fotojornalismo passa a funcionar como ferramenta estratégica de informação e atração do leitor.

A fotografia deixou de ser considerada apenas uma reprodução da realidade, conquistando um espaço de destaque. Uma ferramenta interpretativa do fato. O seu conjunto de elementos icônicos tornaram-se ferramentas interpretativas do fato a ser noticiado.

Segundo Susan Sontag (1981, p. 17): "A posterior industrialização da tecnologia da câmara limitou-se a concretizar uma expectativa inerente à própria fotografia desde os seus primórdios: democratizar todas as experiências traduzindo-as para imagens".

## Tema

O tema desta monografia aborda a relação do repórter fotográfico com a situação do acidente de trânsito envolvendo vítimas fatais. Qual é a relação deste profissional com a morte, muitas vezes violenta, como a de um acidente automobilístico? Até que ponto existe a barreira entre o profissional e a subjetividade como o profissional lida com esse dilema? Esse é um dos conflitos a serem discutidos nesta pesquisa.

Os critérios de noticiabilidade do jornal local *Jornal de Brasília* serão expostos bem como todo o caminho que o material fotográfico percorre até sua publicação. Qual é o verdadeiro objetivo em publicar imagens da tragédia humana em capa de jornais? A multiplicidade dos significados em cada contexto fotográfico torna a imagem um elemento primordial para a noticiabilidade de um fato. A possibilidade de eternizar instantes torna o Fotojornalismo um trabalho preservador da história, costumes e acontecimentos que envolvem um povo. O *clichê* do sensacionalismo e a exploração da tragédia humana é uma realidade presente em grande parte da imprensa brasileira independente de sua visibilidade no mercado jornalístico.

É indiscutível a importância do texto jornalístico aliado à fotografia. Ambas complementam-se e possuem a mesma importância para a informação completa do leitor. Um trabalho icônico de qualidade aliado à informação ética proporcionam um jornalismo que cumpre sua função social. Segundo Cremilda Medina (1988, p. 91) :

“[...] os signos lingüísticos representam um espaço muito significativo na página impressa, mas ao lado, ou melhor, inter-relacionados com eles estão outros signos (fotografia e ilustração)”.

Uma das grandes vantagens do material jornalístico produzido pelas mídias impressas é a perpetuação da informação. O jornal pode ser relido e a imagem, analisada diversas vezes. A imagem estática leva o leitor à reflexão do acontecimento em questão. Este processo pode durar horas, minutos ou segundos, diferentemente da televisão, que, devido a seu conflito diário com a objetividade, determina o tempo de reflexão do telespectador. Ao observar uma fotografia, a cada momento de análise podem ser percebidos detalhes não observados em análises

anteriores. A informação transmitida em forma texto proporciona um tempo de reflexão, apesar de alguns veículos apresentarem conteúdo visual e textual de qualidade questionável.

A cobertura de acidentes de trânsito faz parte da rotina dos profissionais de imprensa principalmente da imprensa local. Geralmente a editoria que comporta esse tipo de cobertura é a de Cidades, que abrange outras notícias de interesse da população e do veículo em questão. Durante a ronda policial, realizada diariamente pelos veículos impressos de Brasília, é possível entrar em contato com a equipe local do Corpo de Bombeiros, responsável por isolar a área do acidente a fim de preservar os elementos essenciais de pesquisa da perícia da Polícia Civil, além de prestar socorro às vítimas, sendo elas fatais ou não.

A imagem de pessoas mortas se tornou um recurso de atratividade, e em alguns veículos, de curiosidade dos leitores. A banalização da morte com a publicação de matérias sobre acidentes de trânsito com vítimas fatais têm se tornado freqüente. De acordo com a Associação Nacional de Transportes Públicos, os prejuízos dados pelos acidentes de trânsito no Brasil chegam a R\$28 bilhões.

Com o aumento da frota de veículos, a venda a preços competitivos e a facilidade de financiamentos, a acessibilidade ao carro próprio em 10 anos cresceu e continua com um aumento constante. De acordo com dados do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF), em 2000 o número de veículos na capital era de aproximadamente 585 mil e em 2007, aumentou para 964 mil. A chamada taxa de motorização (que corresponde ao número de habitantes por cada carro) é de 2,5%, percentual maior que o de São Paulo, cidade que comporta a maior frota de veículos do país.

A decisão por este tema se deu por uma experiência marcante em minha vida. Durante uma entrevista para a editoria de Educação do *Jornal de Brasília* (empresa onde estagiei de fevereiro a dezembro de 2007) no bairro Setor O, em Ceilândia, uma jovem ficou inconsciente. Fui convocada para fazer uma reportagem sobre um cursinho preparatório para concursos que funcionava de forma improvisada em uma garagem. Essa jovem tinha aproximadamente 25 anos.

Enquanto entrevistava uma professora do cursinho, esta jovem ficou inconsciente, subitamente, durante uma conversa com as colegas de classe. Todos ficaram visivelmente preocupados com o que estava acontecendo: acreditávamos

que ela tinha sido vítima de uma epilepsia. O repórter fotográfico Davi Zocoli, que me acompanhava durante a pauta, e o motorista Fernando, estiraram o corpo da jovem ao chão. Zocoli realizou uma massagem cardíaca e, em seguida, uma respiração boca a boca. Enquanto isso, eu acionava pelo celular o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) e o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal (CBDF). Neste fatídico dia, eles sofriam com falta de viaturas.

Como percebi que não teríamos atendimento rápido e que poucos segundos poderiam fazer a diferença, sugeri que transportássemos a estudante no veículo da empresa até o hospital público mais próximo. Conseguimos que ela fosse atendida de forma imediata, mas a jovem já havia falecido antes mesmo de ser transportada até o hospital.

Na mesma semana deste dia fatídico, sofri um acidente de carro, acompanhada de duas amigas, enquanto voltávamos da faculdade para casa. Ninguém ficou ferido, mas o carro ficou totalmente danificado. Com o meu susto e desespero, imaginei qual seria a minha reação caso um repórter fotográfico flagrasse aquele acontecimento.

Estas experiências me levaram a refletir sobre a relação do profissional de imprensa, independentemente de ser repórter fotográfico ou repórter, com a situação trágica da morte. O repórter fotográfico presente neste dia não fotografou o momento do socorro. Até que ponto devemos tentar nos afastar dos sentimentos que se manifestam neste momento? Até que ponto esse afastamento pode ser relacionado ao profissionalismo? No caso de acidentes de trânsito, qual é a barreira entre o profissionalismo e as reações naturais de um ser humano? Além da obediência à determinada linha editorial, esse repórter fotográfico possui uma história de vida e carrega consigo uma carga emocional, fator determinante de sua abordagem fotográfica.

Caso essa discussão fosse comum na sociedade e nos veículos de comunicação, a morte não seria mais um tabu, mas um assunto que proporcionaria uma reflexão da sociedade e não apenas faria parte de estatísticas e de manchetes de jornais.

## Objetivos

Analisar a cobertura de notícias no Distrito Federal realizada por repórteres fotográficos, cujo valor-notícia são os acidentes de trânsito com vítimas fatais. Para alguns profissionais da área jornalística, as fotos de vítimas de acidentes de trânsito têm como um dos objetivos educar o leitor. Esta monografia pretende discutir a abordagem do jornal local *Jornal de Brasília*, especificamente no que se diz respeito à imagem e ao sensacionalismo predominante de grande parte das produções fotográficas.

Além do sensacionalismo inserido no contexto fotográfico, pretende-se abordar a visão do fotógrafo diante da tragédia. Qual é a relação do fotógrafo com o sujeito fotografado e a relação do profissional da imagem com um complemento que não pode se manifestar. A morte, que é um dos grandes tabus da sociedade atual, torna-se alvo de discussão nesta monografia. Até onde vai o limite de ser ou não ser ético nessa circunstância? Qual é o valor-notícia de uma imagem que mostra a realidade de forma tão autêntica? É possível praticar um fotojornalismo que não choque o leitor, mas que valorize o trabalho jornalístico como um trabalho de conscientização?

## Hipóteses e Metodologia

A morte no trânsito tem recebido destaque da imprensa do Distrito Federal. Entre as fotografias que abordam este tema publicadas no *Jornal de Brasília*, é perceptível a exposição do corpo das vítimas fatais. Esta monografia pretende abordar a relação do repórter fotográfico com a situação trágica da morte e questionar acerca da necessidade desta grande exposição. A linha editorial de um veículo de imprensa tem o poder de interferir na visão particular do repórter fotográfico? É possível realizar um fotojornalismo que não aborde a situação da morte de forma tão banal?

A metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi a Revisão Bibliográfica de Temas relevantes sobre o assunto. Foram elaborados

questionários semi-estruturados, um deles voltado para os repórteres fotográficos Antônio Siqueira e Fernando Rodrigues. O segundo roteiro de perguntas foi aplicado para o ex-editor de Cidades, Ricardo Nobre, e ao chefe de reportagem e pauteiro do *Jornal de Brasília*, Freddy Charlson. A idéia inicial da pesquisa era realizar a análise iconográfica de 20 imagens, mas, com a delimitação de espaço e necessidade da inserção das fotografias no corpo da pesquisa, foram analisadas 10 fotos. Os critérios utilizados para a seleção das imagens foram: a disponibilidade das fotografias (não foi possível conseguir a cópia de todas as imagens por questões burocráticas), o valor iconográfico, a abordagem diferenciada dos repórteres fotográficos e a qualidade técnica.

Foram inseridos no conteúdo desta monografia dados do Departamento de Trânsito do Distrito Federal (Detran-DF), referentes aos meses de Julho, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, mesmo período em que foram publicadas as imagens.

## **1 O *Jornal de Brasília***

Inaugurado em 10 de dezembro de 1972, durante o regime militar no Brasil, o *Jornal de Brasília* surge como uma nova aposta da cobertura jornalística local. O proprietário, o empresário e político goiano Jaime Câmara, tinha adquirido uma positiva experiência no mercado jornalístico com o jornal impresso *O Popular*, líder de vendas em Goiânia. O objetivo principal do jornal era fornecer uma cobertura noticiosa focada em acontecimentos locais. Com o *slogan*, *Onde a Cidade é Notícia*, o *Jornal de Brasília* dá ênfase ao seu carro-chefe: a editoria de Cidades. Eventos envolvendo as cidades-satélites e a periferia brasiliense ganharam espaço nesse veículo de comunicação; matérias policiais, política local e acidentes de trânsito estão entre as mais produzidas pela redação.

O jornal recebeu um total de 14 prêmios, incluindo seis *Prêmio Esso de Jornalismo*, uma das premiações de maior prestígio e reconhecimento da imprensa brasileira. Destaque também na categoria *Fotografia*, em 1986, com o trabalho do repórter fotográfico Carlos Menandro. Na coletânea intitulada *Jornalismo de Brasília: impressões e vivências*, o jornalista e ex-diretor de redação do *Jornal de Brasília*,

André Gustavo Stumpf, um dos ganhadores do *Prêmio Esso de Jornalismo* de 1978 ao lado de Merval Pereira pela reportagem *A segunda guerra: a sucessão de Geisel*, ex-chefe de reportagem do *Jornal de Brasília*, comenta sobre a fotografia que recebeu a reconhecida premiação (STUMPF, 1993, p. 116):

E, um dia um cara instalou um circo, no meio da Esplanada, dos Ministérios. Mas circo-circo mesmo. E não sei por que cargas d'água puseram o circo no meio da Esplanada. Creio que por ordem do ministro Aluísio Pimenta, da Cultura, o broa de milho. Aí passou um desses nossos fotógrafos, o Carlos Menandro, e enquadrou o circo perfeitamente no Congresso. Então uma das abóbodas do Congresso passou a ser a lona do circo. E aí, chegou de noite, estava lá o circo, nesse esquema que a gente tinha de uma foto especial a partir das coisas da cidade, A idéia foi essa.

A imagem causou *frisson* na Câmara dos Deputados e também entre os artistas circenses, que enviaram uma carta à redação por meio do sindicato da categoria. “Na carta, os circenses não admitiam serem confundidos com os políticos” (Stumpf, p. 116).

Foto 1 – Jornal de Brasília/1986



FONTE: Carlos Menandro

Stumpf afirma que o *Jornal de Brasília* sempre teve uma ótima equipe de repórteres fotográficos. Para colocar em evidência o fotojornalismo e utilizar a imagem como uma forma garantida de atratividade ao leitor, a chefia do jornal durante a década de 80 criou um padrão de diagramação da capa: a publicação de

uma fotografia na parte inferior do jornal e na primeira página, o mesmo acontecimento com uma outra imagem que registra o mesmo fato. O jornalista ressalta que (1993, p. 116), naquele período: “O importante era a foto”.

## 2 Mudanças

Em 2000 o veículo passou por significativas mudanças tanto em seu projeto gráfico quanto em sua linha editorial. O jornal passou a ter uma linguagem mais dinâmica e objetiva. A editoria de *Cidades* foi mantida e novos cadernos passaram a fazer parte do conteúdo informativo do veículo. A editoria de Suplementos foi uma das novidades desse período, o que incluía as seções de Lazer, Informática, Saúde e Negócios.

As constantes mudanças de sócios nas últimas décadas fizeram com que o veículo enfrentasse fortes crises financeiras. Uma das crises mais recentes ocorreu em 12 de fevereiro de 2008, o que provocou a demissão de 43 funcionários, entre eles nos setores de Apoio, Redação, Telemarketing, Infra-estrutura, Comercial e Limpeza.

Segundo Stumpf (1993, p. 117):

Efetivamente o *Jornal de Brasília* é um jornal ciclomático: tem altos e baixos. Tanta gente começou lá, está tão bem hoje. Airton Maia, que é dono da Apoio hoje, e o Chico Maia, os dois irmãos. Hoje são homens de negócios prósperos. O Chico eu encontrei como redator, e o Airton era diagramador, depois virou editor de esporte, e até hoje adora esporte local. Quer dizer, tanta gente entende daquilo podia fazer do jornal uma coisa boa, não sei explicar a razão pela qual não se transforma, não assume a direção que desejaríamos. O jornal é bom; o problema são as dificuldades comerciais.

Ao contrário do jornal *Correio Braziliense*, com conteúdo direcionado ao público das classes A e B, o *Jornal de Brasília* apresenta uma linha editorial popular, e, ao mesmo tempo, não possui concorrentes diretos no mercado brasiliense de jornais impressos.

Em 3 de maio de 2006, o *Jornal de Brasília* lança o portal *Clicabrasília* versão *online* do conteúdo impresso, pioneiro em publicar matérias do produto impresso na íntegra. Outra novidade foi a possibilidade de divulgar um maior número de fotografias por matéria: o portal passa a armazenar parte do conteúdo fotográfico



não-publicado pela versão impressa, proporcionando ao leitor a acessibilidade ao conteúdo *online*.

### 3 O Fotojornalismo no Brasil

O fotojornalismo brasileiro não foi resultado de um processo instantâneo e sim de uma série de etapas que antecederam a prática fotográfica. Muitas décadas se passaram até que o fotojornalismo tenha se tornado uma prática consciente do sujeito que conduz uma câmera fotográfica. Além disso, a barreira tecnológica era grande: o aparato fotográfico era importado e chegava ao Brasil por navio, da Europa, e o transporte era demorado: levavam-se meses até chegar à Colônia. Os profissionais da arquitetura, pintura e fotografia foram convidados pela Corte Real Portuguesa para trazer ao país um pouco da arte europeia durante a *Missão Artística Francesa*, que aconteceu no século XIX. Nomes como *Nicolas-Antoine* e *Jean Baptiste Debret* foram os principais pintores a retratar o Brasil e a estabelecer uma cultura das artes plásticas na Colônia portuguesa.

Segundo Andrade (2004, p. 29):

“[...] empenhado na modernização do Brasil, o príncipe Dom João trouxe, em 1816, uma missão artística francesa, cujos membros aqui permaneceram por mais de uma década, onde ajudaram a fundar a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios- depois Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil (1820) e ainda posteriormente Academia Imperial de Belas-Artes – ensinando e trabalhando em benefício do país”.

### 4 Caminhos para o Fotojornalismo

O antecessor do fotojornalismo foi o fotodocumentarismo, categoria fotográfica que consiste na utilização da imagem como documento. No século XIX, era comum o registro das principais obras arquitetônicas por meio da imagem. A fotografia era considerada instrumento documental do trabalho do Império, que na época, era comandado pelo monarca Dom Pedro II, precursor da fotografia no Brasil. De acordo com Andrade (2004, p. 4),

Já em 17 de janeiro de 1840, o abade francês Louis Compte, capelão do L’Orientale, navio-escola franco-belga que dava a volta ao mundo e

acabava de chegar da Europa, produziu os primeiros daguerreótipos de nosso país, todos na região central da cidade do Rio de Janeiro. Apresentado ao novíssimo processo, Dom Pedro II, na época com 14 anos e às vésperas da antecipação da sua maioridade – interessou-se de imediato, providenciando logo a aquisição de um equipamento para seu próprio uso e melhor compreensão do processo e tornando-se assim, o primeiro cidadão brasileiro a tirar uma fotografia.

O primeiro registro do fotodocumentarismo no Brasil é o do monumento Paço Imperial, no Rio de Janeiro, retratado pelo francês *Louis Compte*, em 1840, conforme afirma Andrade (2004, p. 12):

Embora tenhamos dúvidas quanto a esta atribuição de autoria e data, o fato é que o abade realizou os tais daguerreótipos. E, se este é, realmente, um deles, temos aí uma bela e rara imagem fotográfica para aqueles remotos tempos, onde se vê um pequeno agrupamento de pessoas, fotografado em atitude espontânea, o que dá a imagem ares de instantâneo.

A movimentação registrada nesta imagem faz com que a ação, uma das principais características do fotojornalismo, esteja mais próxima da categoria fotografia jornalística.

Apesar da chegada dos aparatos fotográficos europeus ao Brasil, a produção de fotografias ainda era realizada em baixa escala, se comparada aos países europeus. Segundo Andrade(2004, p. 4), “Embora a fotografia brasileira do século XIX tenha alcançado excelente nível de qualidade, sua produção é incomparável, em termos quantitativos, com aquela de outros países onde a situação econômica e social era mais favorável, possibilitando o seu consumo a maiores camadas da população”.

Na época, o país não recebia equipamentos necessários para que uma cultura fotográfica fosse firmada entre a população; a fotografia era considerada artigo de luxo e de difícil acesso. Grande parte do acervo fotográfico do período imperial era de autoria de fotógrafos estrangeiros.

## 5 A primeira imagem jornalisticamente brasileira

A primeira imagem brasileira considerada jornalística foi realizada pelo fotógrafo e paisagista alemão *Augusto Stahl*, na ocasião do desembarque de Dom Pedro II e Dona Thereza Christina Maria em um porto de Recife, em 22 de novembro de 1859. *Stahl* inovou e fotografou os cinco minutos que antecederam o desembarque, os cinco minutos seguintes e os 10 minutos após o desembarque realizando uma

seqüência de três fotografias, considerada uma inovação para o período e uma abordagem ousada do acontecimento. Essa seqüência, que dá continuidade à chegada dos membros da Família Real, resgata o espectador e transmite uma sensação de ambientação ao fato retratado.

De acordo com a escritora e psicanalista *Bia Corrêa do Lago* (apud ANDRADE, 2004, p. 13):

Atualizado com as novas possibilidades técnicas, mas também profundamente consciente de suas limitações, Stahl provavelmente ansiava por vencer um dos entraves mais claros que encontrava ao seu trabalho: o longo tempo de exposição, que impedia a tomada de instantâneos de objetos em movimento. Usando sua inventividade, contornou de forma extremamente criativa essa dificuldade, na sua famosa reportagem do desembarque do Imperador no Recife, em 1859, quando dividiu o tema em quatro imagens consecutivas.

Aproximadamente cinquenta mil pessoas vindas das várias regiões da Província, aguardavam em toda a extensão do Cais do Colégio e da Alfândega, para assistir à Família Imperial pisando pela primeira vez em solo pernambucano, momento de grande importância e emoção para todos os da terra.

## 6 Origem da Imprensa no Brasil

O início da Imprensa no Brasil foi tímido e a censura foi praticada pela Corte Portuguesa por um longo período em todos os jornais impressos da época. A implantação da Imprensa no Brasil foi sistematicamente reprimida pela Corte Portuguesa até o início do século XIX.

Andrade (2004, p. 28) ressalta que:

O domínio português sobre a colônia brasileira tinha na proibição da livre produção ou circulação de papéis impressos um de seus aspectos cruciais. E mesmo os textos impressos em Portugal tinham de receber autorização da censura civil e eclesiástica. E, após a Independência, em 1823, foi promulgada a primeira Lei Brasileira de Imprensa, antecedendo mesmo a constituição do Império.”

Essa lei, outorgada por Dom Pedro I, permitiu aos jornais da época uma maior liberdade editorial, apesar da censura da Corte Portuguesa ainda fazer parte do cotidiano da imprensa brasileira no período.

O primeiro jornal impresso brasileiro foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 1808. Nos primeiros meses de circulação, a *Gazeta* estava disponível aos leitores uma vez por semana. Após o segundo número de edição, passou a circular duas vezes por semana e mais tarde, em julho de 1821, passou a ser trisemanal. Apesar

da importância deste jornal impresso, o mesmo não apresentava um posicionamento crítico perante os fatos da época.

Andrade (2004, p. 30) afirma:

A Gazeta tornou-se uma publicação enfadonha e não teve a função social que, aquela época, já era exercida por muitos periódicos de outros países, deixando de retratar e criticar a realidade local, comprometida que estava com o poder reinante. Mas era o início de uma nova realidade e de um longo aprendizado.

Em junho de 1808, após a abolição da escravidão, o jornalista Hipólito José da Costa Pereira fundou em Londres o primeiro jornal impresso brasileiro: o *Correio Braziliense*. O periódico defendia a independência brasileira e apresentava conteúdo opinativo sobre questões políticas e econômicas. Sua circulação e publicação foram proibidas e o jornal foi processado. O *Correio Braziliense* resistiu às dificuldades e foi pioneiro no quesito independência editorial.

Os jornais brasileiros iniciaram seu desenvolvimento e crescimento após a Independência de Portugal, momento em que foi outorgada por Dom Pedro I, a primeira Lei de Imprensa do Brasil.

De acordo com Andrade (2004, p. 28): “E, após a Independência, em 1823, foi promulgada a primeira Lei Brasileira de Imprensa, antecedendo mesmo a constituição do Império.”

## 7 Popularização da imagem no Brasil

Os recursos utilizados para ilustrações de impressos eram as chamadas xilogravuras – técnica semelhante ao carimbo (utiliza a madeira como base para a criação de gravuras) e as litogravuras; que funcionavam de acordo com o princípio da repulsa entre a água e óleo, com bases feitas de pedra.(ANDRADE,2004).

Como as gravuras são elementos de fácil assimilação, faziam parte de um recurso que ganhou cada vez mais visibilidade nos meios impressos do período. De acordo com Andrade (2004, p. 31):

Com o desenvolvimento de novos processos de impressão de imagens, além do aperfeiçoamento dos antigos processos e da sua adaptação às características da imprensa periódica, as páginas do jornal se modificam. Mais precisamente surge um novo gênero de imprensa, a denominada imprensa ilustrada.

Esse novo modelo de imprensa transformou a imagem na principal fonte de informação de grande parte da população brasileira, que no período apresentava um grande índice de analfabetismo, que também atingia a classe média.

## 8 Fotojornalismo

O sujeito que participa da ação de fotografar, de acordo com *Roland Barthes*, recebe a definição de *Operator*. O que caracteriza este participante é o ato de fotografar sem ser notado pelo sujeito fotografado. Barthes (1984, p. 54) ressalta que: [...] o gesto essencial do *Operator* é o de surpreender alguma coisa ou alguém (pelo pequeno orifício da câmara) e que esse gesto é, portanto, perfeito quando se realiza sem que o sujeito fotografado tenha conhecimento dele”. O espectador, ou sujeito que analisa o conteúdo fotográfico é classificado por Barthes como *Spectator*, papel exercido pelo leitor de jornais.

As múltiplas percepções da análise fotográfica se encaixam em duas divisões: o *Studium* e o *Punctum*. Roland Barthes define como *Studium*:

[...] Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprová-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo [...]. O *Studium* é o campo muito vasto do desejo indolente, do interesse diversificado, do gosto inconseqüente. (BARTHES, 1984, passim).

O *studium* é a percepção óbvia de uma imagem. Seus elementos tornam-se claros em uma linguagem universal. Não é preciso obter conhecimentos técnicos para perceber determinados elementos.

Já o *Punctum*, Barthes (Ibid, p. 46) define como: “[...] *punctum* é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados, O *punctum* de uma foto é esse acaso que, nela me punge (mas também me mortifica, me fere”. Essa classificação é aplicada aos elementos que não estão óbvios na imagem: é preciso que aconteça uma reflexão do *Spectator* acerca do conteúdo fotográfico.

As etapas de criação do *Operator* (no caso desta monografia tem o papel exercido pelo repórter fotográfico) são completamente solitárias, ou seja, não sofrem interferências externas. Para que a abordagem pessoal seja elaborada e os

elementos pertencentes ao processo fotográfico a exemplo do enquadramento, da composição e luz, sejam unificados e auxiliem na formação do resultado final da cena, esse *Operator* imerge em um mundo particular. Seus valores e convicções pessoais tornam-se elementos fundamentais que passam a influenciar de forma direta a abordagem fotográfica.

O repórter fotográfico tem como uma de suas responsabilidades captar as mensagens do mundo que o cerca. Segundo Luis Humberto (2000, p. 18): “[...] desempenhamos o papel de antena do universo, emitimos a depuração de nossas influências, de nossas particularidades, de nossas vacilações, de nossas tênues certezas, de nossa ousadia em transgredir e de nossa coragem em abandonar, quando necessário, o conforto de nossa aceitação”.

A experiência pessoal de cada repórter fotográfico interfere de forma súbita na maneira de presenciar e lidar com determinadas cenas fotográficas. Nesse processo, não há a interferência de terceiros durante o ato de fotografar e nem intervenções nem mesmo durante a reflexão acerca da abordagem fotográfica. Esse profissional capta essas mensagens visuais com uma minuciosidade, identificada, mais tarde, no resultado da composição da fotorreportagem. Em algumas fotografias de acidentes de trânsito analisadas nesta monografia é possível observar que o olhar do repórter fotográfico sobrepõe as orientações do editor de Fotografia. A maneira que o *Operator*, que é um ser social, enxerga o fato, transforma-se em uma testemunha da notícia.

As limitações e a pré-definição impostas pela hierarquia da Redação ficam a *mercê* da visão particular deste *Operator*. Sua abordagem torna-se o primeiro filtro. O que recebe aprovação a partir deste critério pessoal de seleção transforma-se em conteúdo fotográfico limitado do fato registrado. Partindo desse olhar seletivo, o chefe de fotografia, o diretor de redação, os diretores executivos e o chefe de reportagem filtram novamente este conteúdo, a partir de suas visões pessoais, institucionais, e da linha editorial difundida pelo conteúdo jornalístico da empresa. Entre as 10 fotos a serem analisadas nesta monografia está nítida a multiplicidade deste olhar fotográfico, com quatro abordagens diferenciadas, de quatro personalidades formadas em ambientes sociologicamente diferentes, com valores e convicções religiosas variadas, diferentes faixas etárias e perfis psicológicos.

Essa questão não se limita apenas à interpretação, mas inclui a criação da realidade acerca dessa abordagem, que está diante da maturação desse processo fotográfico. A arte fotográfica não lida com a imagem que é óbvia, qualquer cena que compõe uma fotorreportagem faz parte de um processo de estudo de ação. Para que exista Fotojornalismo, além de registrar um automóvel desgastado, é preciso que o repórter fotográfico torne o movimento um elemento presente. Antes de qualquer definição teórica, Fotojornalismo é o que está em constante movimento, em ação.

No momento em que um *Operator* precisa registrar algum elemento que por algum motivo têm difícil acesso, este utiliza artifícios tecnológicos como a lente tele objetiva, que permite uma limitação e aproximação do *Receptor* da fotografia. O repórter fotográfico possui uma visão livre deste ambiente repleto de signos que envolvem uma imagem de acidente de trânsito. Segundo Lucia Santaella (2003) citou, signo é algo que tem representação para o significante na falta do objeto em si.

Luis Humberto (2000, p. 34) destaca em sua obra: “Todavia, é preciso não confundir o fato de receber influências com o de se tornar um reles copiador de formas consagradas, pois, nesse caso, seremos apenas vulgares e desimportantes repetidores de segunda mão”.

## 9 Elementos fotográficos

Um acidente de trânsito envolvendo vítimas fatais é uma rotina no campo profissional dos repórteres fotográficos, principalmente quando o veículo em questão prioriza a cobertura noticiosa local, caso do *Jornal de Brasília*. Entre esses acontecimentos, que tornam-se rotineiros diante do aumento considerável da frota de veículos no Distrito Federal, existem elementos repetidamente encontrados na composição fotográfica. Entre as divergentes naturezas de acidentes de trânsito (atropelamento, colisão) é possível uni-lo e inseri-los em uma lógica fotográfica que conjuntamente proporciona a formação de uma mensagem iconográfica. A fotografia de acidentes de trânsito exige que o repórter fotográfico exercite sua criatividade, caso contrário, a fotografia se limitará a ser apenas um registro do fato que já

aconteceu, perdendo as características básicas para que seja classificada como uma imagem jornalística.

Segundo Luiz Humberto (2000): a exigência das redações pela originalidade do repórter fotográfico aliado à rapidez maior do que a implementação dos processos de maturação, induz os profissionais à cosmetização da banalidade.

Para que a fotografia de acidentes de trânsito torne-se um instrumento de informação, há vários elementos que podem ser inseridos neste contexto fotográfico. No caso de atropelamentos em uma via próxima a uma passarela para pedestres, os elementos que podem ser inseridos nesse contexto são: a própria passarela, o movimento dos automóveis, a placa que sinaliza a velocidade máxima permitida e o veículo conduzido pelo autor do acidente.

Em um grande número de ocorrências, dependendo do impacto entre o transeunte e o automóvel, ocorre um deslocamento do calçado utilizado pela vítima, e este, assim como outros elementos já citados, também pode servir como complemento para a composição da fotografia. Conseqüências do fato, como o estado do veículo após a colisão, marcas de freadas bruscas no asfalto, o congestionamento causado pela interdição de uma das pistas, um grupo de curiosos que assiste ao trabalho realizado pelo Corpo de Bombeiros e Polícia Civil, os familiares presentes no local: todo esse contexto serve como ferramenta enriquecedora do acontecimento jornalisticamente banal e cotidiano. De acordo com Martin Keene (2002), “é mais provável o repórter fotográfico ser chamado para registrar uma inauguração de mais uma obra do governador ou um banal acidente de trânsito”.

## **10 Seleção de imagens**

Para que a imagem seja publicada, esta percorre vários processos de seleção. Porém, o critério mais importante, antes de qualquer representatividade do redator-chefe, é a edição do próprio repórter fotográfico. Apesar de este profissional obedecer a determinada linha editorial, é ele quem decide a forma de abordagem do fato. O olhar do fotojornalista perante a situação vivenciada é o que definirá os elementos ou as pessoas que serão enquadradas na limitação de espaço da lente. A



interpretação deste profissional é tão importante quanto à apuração realizada pelo repórter. Mais do que um profissional que foca e enquadra os personagens<sup>1</sup>, é um ser social que insere, mesmo que de forma inconsciente, sua interpretação do acontecimento que se torna, de fato, uma testemunha. Os leitores, por sua vez, cumprem o papel de receptores dessas mensagens visuais.

A fotografia atinge uma maior parte da população brasileira, e é, sem dúvida, uma ferramenta democrática de informação. De acordo com Sontag (1981, p. 30): "A informação que as fotografias podem dar começou a ser valorizada no momento da história da cultura em que todos julgam ter direito àquilo a que chamamos notícias. As fotografias eram vistas como um modo da informação a pessoas que não tinham o hábito da leitura".

A abordagem fotográfica varia de acordo com convicções pessoais, experiência e estilo de trabalho de cada profissional da fotografia. Nesta monografia, é perceptível a diferença deste olhar fotográfico: é formada uma identidade fotográfica.

Assim como os escritores, cada repórter fotográfico possui uma forma de abordagem fotográfica. Alguns dedicam-se a determinados temas ou métodos, de acordo com suas convicções pessoais. A vivência de cada um é fator determinante para essa interpretação, tanto do fotógrafo, quanto do apreciador. (GURAN, 2002).

## 11 Definindo o que é notícia

Uma das ferramentas mais importantes utilizadas na Redação do *Jornal de Brasília* é a ronda policial: o contato com as autoridades responsáveis por quantificar e socorrer vítimas de acidentes de trânsito, como a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) e Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) é fundamental. A rotina da ronda policial no *Jornal de Brasília* inclui ligações a todos os Departamentos de Polícia de todas as Cidades-Satélites e cidades do Entorno do Distrito Federal, inclusive para a rede central do CBMDF. O repórter é orientado a questionar a existência de alguma ocorrência de destaque. O destaque, neste caso, trata-se de um acidente de grandes proporções,

---

<sup>1</sup> Termo jornalístico dado a entrevistados.

que levou alguém a óbito ou ocasionou alguma lesão de alta gravidade. Os profissionais responsáveis pelas primeiras informações (Corpo de Bombeiros e Polícia Civil) são os facilitadores do trabalho de apuração do repórter: dados como nome completo, idade, endereço e telefone dos envolvidos no acidente são cedidos pelas autoridades sem a autorização prévia.

Em entrevista, o chefe de reportagem do *Jornal de Brasília*, Freddy Charlson afirma que: “a ronda policial é realizada o tempo inteiro, com breves intervalos de meia hora a uma hora. Durante a manhã, temos um estagiário e um repórter fazendo a ronda. À tarde, também. À noite, até o fechamento do jornal, temos mais um repórter na ronda.” A ronda policial tem grande relevância para a editoria de Cidades, seção mais lida deste jornal local. Caso a reportagem preencha os pré-requisitos de noticiabilidade do jornal, a mesma pode ocupar lugar de destaque na capa e no conteúdo.

Para alguns estudiosos do fotojornalismo, a emoção se torna um grande elemento que promove o processo criativo na abordagem fotográfica. No discurso dos profissionais da fotografia, existe o mito de que o lado emotivo do repórter fotográfico não deve participar do processo fotojornalístico. A emoção deste profissional é muitas vezes confundida no ambiente jornalístico com fraqueza e vulnerabilidade. Nas redações, é desejável que o *Operator* mantenha um distanciamento da situação a ser fotografada. Essa postura, de acordo com alguns profissionais, evita que os sentimentos do repórter fotográfico interfiram no resultado final do trabalho, assim como é exigido que o repórter mantenha certo distanciamento da fonte.

Um jargão<sup>2</sup> comum utilizado pelos profissionais do campo jornalístico para definir uma pessoa que veio à óbito, é a expressão “presunto”. Esse tipo de linguagem revela objetivamente a banalização, falta de respeito e ética em determinados ambientes jornalísticos, além de caracterizar um sadismo e desrespeito às vítimas envolvidas nos acidentes de trânsito. Este comportamento representa o que Roland Barthes classifica como *Plastron*<sup>2</sup>.

No conteúdo fotográfico do *Jornal de Brasília*, apesar de cada imagem apresentar abordagens particulares, é possível observar um determinado padrão

---

<sup>2</sup> Definição de Roland Barthes (1980) que significa, em sentido figurado, pessoa que serve de divertimento, alvo de zombaria.

que relaciona os elementos da cena trágica. Esse tipo de fotografia transforma-se em resultado de um trabalho mecanizado, que apesar de receber algumas regras pré-determinadas da hierarquia da Redação, não impossibilita que o repórter fotográfico una arte visual à informação. Os acidentes de trânsito, classificados por grande parte da classe jornalística como um conteúdo jornalístico banal, são direcionados a repórteres recém-formados chamados de “focas” ou a estagiários. É possível comprovar esta informação, quando a matéria em questão não apresenta o nome do repórter que a redigiu. No caso das reportagens analisadas por esta monografia, todas foram produzidas por repórteres com pouco tempo de formação e estagiários.

No ambiente jornalístico, as matéria sobre acidentes de trânsito são consideradas um conteúdo que não induz o leitor à reflexão. A instantaneidade do fato torna-o mais descartável se comparado a outros acontecimentos. A partir deste senso comum, é raro observar uma abordagem minuciosa de acidentes de trânsito, principalmente os que envolvem vítimas da periferia do Distrito Federal. A morte no trânsito transforma-se em fator suscetível de repercussão caso algum dos envolvidos se encaixe nos padrões de classe média, classe média alta ou classe alta de Brasília. Foi o caso do acidente envolvendo três mulheres e o professor de Educação Física Paulo César Timponi. O acidente, que ocorreu na Ponte JK, um dos mais recentes cartões postais de Brasília, teve outras consequências além da morte de três mulheres: o atual governador José Roberto Arruda concedeu poder de multa a policiais civis e militar, ação que anteriormente era de exclusividade do Detran. O desenrolar do caso, que resultou em um processo criminal contra o condutor, recebeu destaque do *Jornal de Brasília* durante 30 dias.

Neste contexto sociológico, a política do pão e circo (*panis et circencis*), derivada da Roma Antiga, sobrevive. Os governantes do período acreditavam que comida e entretenimento eram os dois elementos que bastavam para a sobrevivência do proletariado romano. A morte é enxergada pelos leitores como entretenimento e utilizada como instrumento mercadológico pela hierarquia da Redação. A banalização da morte por meio da tragédia envolve uma camada social excluída. Este numeroso grupo possui acesso à educação e informação de baixa qualidade, vítimas de um sistema ineficiente: ao contrário das populações de classe média e classe média alta, que têm acesso a uma formação crítica com várias fontes

de informação. A banalização e o barateamento da vida ainda é característica marcante no jornalismo brasileiro.

A falta de credibilidade de alguns veículos não interfere diretamente no resultado de sua vendagem. O jornal passa a ter uma função de entreter, abandonando sua função original de garantir informação à sociedade.

## Selecionando o que é notícia

A elaboração de pauta é consequência de padrões pré-definidos de pensamento. Segundo Ronaldo Henn (1996, p. 74): “Cunha-se, essencialmente, a estrutura básica dos códigos lúdicos-ideológicos, mágicos-rituais e procura-se atuar, consciente ou inconscientemente como matrizes geradoras, padrões de pensamento e de ação, desde os tempos primitivos até os nossos dias”.

O jornal impresso torna-se o retorno do ritual do calendário antropológico. Este calendário é definido pelo contraste e oposições definidas pela sociedade. A associação entre o claro e o bom e o escuro e o mau define de forma inconsciente o pensamento humano. Neste sistema universal, ocorre a definição da periodicidade e constante atualização dos acontecimentos. Segundo Baeta Neves, (apud HENN, 1996, p. 75):

O que é a periodicidade mesmo do jornal: ele é diário, é comercializado a partir de determinadas horas do dia. Como se os ritmos históricos fossem tão metodicamente recostados e a continuidade do mundo se desse pela continuidade/contigüidade das edições. A história passa a ter um suporte temporal na moldura fixa das rotinas dos diários. Moldura permanente e, ao mesmo tempo, quotidianamente reiterada.

A rotina de um jornal torna-se um elemento pré-determinado, porém, passível de renovação. A produção diária do *Jornal de Brasília*, a construção de notícias e a distribuição de seus exemplares é certo. Entretanto, a disposição das fotografias e as notícias são elementos passíveis de transformações diárias.

De acordo com Henn, (1996, p. 76): “Os aspectos que emergem das entranhas da cultura, assim como os demais, presentes na formulação dos critérios do que é noticiável, transformam a pauta numa constante negociação entre o sistema e o seu entorno”. Ele prossegue com seu pensamento afirmando que “As zonas de filtro são controladas por sistemas objetivos de regras” (Ibid. p. 75).

## 13 Gatekeeper

De acordo com um artigo publicado em 1947 pelo psicólogo social Kurt Lewin (Apud TRAQUINA, 2004, p. 150): “O termo *gatekeeper* refere-se à pessoa que toma uma decisão numa sequência de decisões”. A teoria do *gatekeeper* é reflexo do trabalho do pauteiro, que define as reportagens que serão produzidas para o veículo impresso. No caso do *Jornal de Brasília*, a figura do pauteiro e do chefe de reportagem é cumulativa. O chefe de reportagem é o responsável por coordenar o trabalho dos repórteres que estão em pauta. O pauteiro torna-se responsável por divulgar as matérias pré-determinadas pela chefia de redação.

A hierarquia da Redação é representada pelo grupo que define a continuidade da notícia. No caso de um acidente de trânsito, um dos critérios de noticiabilidade adotados pelo *Jornal de Brasília* é a sua proporção: o jornal apenas prioriza a cobertura do acidente caso exista, ao menos, um envolvido que tenha falecido, ou no mínimo, apresentado graves fraturas. De acordo com Ricardo Nobre, ex- editor de Cidades do veículo, o critério de noticiabilidade adotado é o impacto que o acidente causou no fluxo de carros da cidade: “O acidente de trânsito se torna noticiável caso esse acidente tenha proporcionado um impacto na população daquela determinada região, como um engarrafamento, por exemplo. O *Jornal de Brasília* dá muita ênfase a acidentes de trânsito. Para o jornal, esse tipo de informação é fundamental”. Ricardo Nobre apresenta em seu histórico profissional experiência como repórter em veículos populares do Rio de Janeiro, que possuem abordagens fotográficas de acidentes de trânsito semelhantes ao *Jornal de Brasília*. Um deles é o jornal O Fluminense, de Niterói. “Fundado em 8 de maio de 1878, O Fluminense é, aos 129 anos, o segundo periódico mais antigo em circulação do Estado do Rio de Janeiro”, segundo informações de seu próprio site.

De acordo com as análises e reflexões proporcionadas por esta monografia, é possível visualizar no conteúdo fotográfico do *Jornal de Brasília* uma ênfase ao espetáculo da morte. A morte é, de fato, um critério de seleção da notícia, que se torna conseqüentemente um valor-notícia. O valor-notícia tem como função nortear e tornar as decisões dos profissionais da redação instantâneas, o que caracteriza o ritmo de trabalho jornalístico. Os movimentos sociais, a exemplo do Movimento GLS

(*Gays, Lésbicas e Afins*), são temas que possuem espaço garantido na mídia, ao contrário da década de 60. Esse contexto permite a reflexão acerca do acontecimento que é noticiável atualmente: este pode ser considerado descartável futuramente. (Apud, HENN, 1996).

Por estarem instaladas na capital do país, muitas redações de Brasília tornaram-se reféns dos acontecimentos políticos, que possuem espaço garantido nos veículos de comunicação. Esta realidade é um exemplo de *agenda-setting*.

No caso de acidentes de trânsito, é possível constatar que a repercussão ocorre de acordo com o critério estabelecido: a classe social dos envolvidos.

## **14 Número de mortes no Trânsito**

Em 2006, de janeiro a dezembro, o número total de mortes no Distrito Federal chegou a 414 pessoas. No ano posterior, de janeiro a novembro de 2007, foram 425 vidas perdidas em acidentes de trânsito. O grupo com mais mortes em acidentes são os pedestre, que representam 120 mortes, seguido de passageiros, com 92 óbitos, motociclistas com 62 óbitos e ciclistas, com 59 mortes. O sexo masculino é predominante. Do total de mortes em 2007, os homens representam 345, ou seja, mais de 70%. Nos registros há 80 vítimas do sexo feminino, menos da metade, o que prova que a imprudência no trânsito é mais comum entre os homens. Para o Detran-DF, as vítimas são consideradas fatais são as que vão a óbito em até 30 dias após o acidente.

## **15 Análise das imagens**

### **Informações sobre o repórter fotográfico**

#### **Antônio Paulo Siqueira**

Começou a trabalhar com fotojornalismo em 1994 como laboratorista no jornal *Correio Braziliense*. Trabalhou em todos os cargos do laboratório de fotografia antes de se tornar repórter fotográfico. Foi auxiliar de fotojornalistas e começou a

acompanhá-los em pautas. Teve contato com uma diversidade de imagens e abordagens fotográficas diferenciadas. Para aprender a reproduzir os melhores ângulos, Siqueira fotografava os acontecimentos no mesmo posicionamento dos repórteres fotográficos os quais acompanhava. Depois de um tempo, Siqueira inovou os ângulos das imagens até formar uma identidade fotográfica. O profissional trabalhou no *Correio Braziliense* como fotojornalista entre 1994 e 2002. No mesmo ano em que saiu da empresa, trabalhou como *free-lancer* no *Jornal de Brasília*. Siqueira teve uma experiência de 7 meses no jornal *Tribuna do Brasil*. Alguns meses depois foi contratado pelo *Jornal de Brasília*. Neste veículo, Siqueira reiniciou sua carreira: foi laboratorista, auxiliar de fotojornalistas e atualmente trabalha como repórter fotográfico.

Foto 2 – Capotamento de van em Sobradinho



FONTE: Jornal de Brasília

**Título da matéria:** *Mulher morre em acidente*

**Legenda da foto 2:** *Com uma nota de R\$2 na mão, Antônio Carvalho do Nascimento se preparava para pagar a passagem e descer de uma van na saída de Sobradinho, na BR-020. Mas o veículo ficou desgovernado na pista molhada, capotou e a matou.*

**Reportagem:** Fernanda Scavacini

**Data:** 27 de novembro de 2007

## Trecho da reportagem

Um grave acidente tirou a vida de Antônio Carvalho do Nascimento, 43 anos, na manhã de ontem, na saída de Sobradinho, na BR-020, sentido Plano Piloto. A lotação em que ela estava perdeu o controle por causa da pista molhada, capotou e a matou. Na hora do acidente, o veículo, dirigido por Rogério Paiva, levava cerca de dez passageiros e, segundo testemunhas, não estaria em alta velocidade. Porém, a chuva fez com que o asfalto ficasse escorregadio e dificultasse o controle do carro.

## Mensagem iconográfica

A imagem, que ocupa quase a metade da metragem da capa do jornal mostra a vítima de um capotamento de uma van que realizava transporte coletivo. O acidente ocorreu na cidade-satélite de Sobradinho. Antônio está estendida no chão e presa entre as ferragens do automóvel de transporte coletivo capotado, com uma nota de R\$2 ainda em uma das mãos.

## Análise

Esta imagem possui um recorte limitado de um acidente de trânsito. Trata-se de uma imagem impactante e de difícil interpretação. Inicialmente, o *Spectator* (espectador, receptor) desta fotografia não percebe exatamente o contexto em que ela está situada. É possível perceber que há pouca luz na imagem e que trata-se de uma pessoa falecida. Um elemento que torna esta imagem iconicamente ousada é o fato de que a vítima morreu no momento em que iria efetuar o pagamento da passagem de ônibus. Ela estava com o valor exato da tarifa: R\$2. A força que Antônio deposita ao segurar a nota impressiona este *Spectator*.

Segundo testemunhas que estavam no veículo, ao ver que o motorista estava perdendo o controle, Antônio Carvalho levantou-se em uma atitude desesperadora e queria entregar o dinheiro do transporte ao cobrador. Esses segundos, que definiram o destino da vítima, fizeram desta fotografia um registro iconográfico chocante. O vidro fumê da van sobrepõe o corpo de Antônio. A exposição da vítima torna-se um elemento misterioso, uma foto com elementos confusos. Apesar da fotografia apresentar signos que reforçam o sensacionalismo, é possível identificar a abordagem artística deste repórter fotográfico. Portanto, é uma imagem que não agride demasiadamente o *Spectator*, pois a visibilidade e



identificação dos signos que compõe esta fotografia é dificultada pelo vidro fumê do veículo. Existe, portanto, uma abordagem explícita da morte, sem que esta se torne banal, e sim, uma questão de reflexão acerca de seu significado.

Durante entrevista, o repórter fotográfico ressaltou que os pneus do veículos estavam carecas. As fotos dos pneus foram realizadas, mas não chegaram a ser publicadas pelo *Jornal de Brasília*. Ele chegou a fotografar os pneus, mas as fotos não foram publicadas. O registro do estado dos pneus não causaria tanto impacto no Receptor. A foto escolhida para a publicação revela uma cena inusitada de uma tragédia no trânsito e transmite a tentativa de sobrevivência da vítima, que faleceu com a quantia de dinheiro exata para pagar sua passagem. “É uma foto jornalisticamente bacana e pessoalmente desagradável”, completa Siqueira.

Foto 3 – Atropelamento no Lago Paranoá



FONTE: Jornal de Brasília

**Título da matéria:** *Morte no Lago Paranoá*

**Subtítulo da matéria:** *Testemunhas dizem que lancha atropelou militar reformado, que morreu ao dar entrada no hospital. Acusados negam a culpa na delegacia.*

**Legenda da foto:** *Ismar foi socorrido pelo Corpo de Bombeiros. Foi usado helicóptero no resgate, mas vítima faleceu ao chegar ao HBDF.*

**Reportagem:** Luiz Calcagno

**Data:** 12 de novembro de 2007

## Trecho da reportagem

Uma atividade ecológica no Lago Paranoá terminou em acidente e morte, após uma lancha supostamente atropelar um mergulhador, que recolhia o lixo no local. O veículo puxava um praticante de wakeboard (esporte onde o atleta sobre uma prancha é puxado por um barco em alta velocidade). Testemunhas afirmam que a lancha bateu no sargento reformado da Polícia Militar, Ismar Lopes da Silva, 47 anos, ontem, por volta das 15h20, em frente ao Clube Recreativo e Esportivo da PMDF (Cresspom) no Setor de Clubes Norte. Ismar foi socorrido, mas acabou morrendo.

## Mensagem iconográfica

Em primeiro plano, é possível observar um militar do Corpo de Bombeiros com o rosto bastante expressivo, vestido com uma roupa de mergulho. O seu posicionamento corporal (inclusive o movimento do braço) indica comando. Na extremidade direita da imagem, há um outro militar portando um instrumento que auxilia na respiração em ocasiões de resgates náuticos. O segundo plano da fotografia é composto de um grupo de três militares que carregam a vítima, que está em uma maca.

À direita, um dos três homens apresenta uma expressão de desconfiança e o outro que está ao seu lado, apresenta uma expressão que transmite a idéia de cumprimento de comando. Não é possível enxergar o rosto de um dos homens que carrega a vítima, porque há um outro militar posicionado à sua frente.

## Análise

Esta fotografia transmite ao Observador a constante idéia de ação. A corrida contra o tempo é fielmente registrada: quando esta fotografia foi tirada, a vítima ainda apresentava sinais vitais. O constante movimento auxilia na imersão do Observador neste contexto fotográfico. Os bombeiros militares são representados como heróis, principalmente o que está no ponto de fuga da fotografia. Iconicamente, ele é responsável por comandar a operação de resgate. A incrível sensação de movimento é o que proporciona a impressão de credibilidade destas autoridades. O

Spectator tem a sensação de que todos os artifícios foram utilizados para realizar o salvamento da vítima.

Entre os militares que aparecem nesta imagem, o militar da extremidade esquerda parece estar alheio à situação. Ele esboça uma expressão facial de alguém que não acredita na sobrevivência da vítima.

Foto 4 – Atropelamento de idoso no Guará



FONTE: Jornal de Brasília

Foto 5 – Atropelamento de idoso no Guará



FONTE: Jornal de Brasília

**Título da capa:** Trânsito violento e louco – mulher atropela, arrasta e mata idoso no Guará

**Subtítulo da capa:** Depois de uma série de barbeiragens, a estudante Selma Germano de França Guimarães, de 23 anos, atropelou e arrastou por 72 metros, o aposentado José Soares de Siqueira, de 69 anos, no Guará II. Ele morreu na hora e ela foi presa.

**Legenda da foto da capa:** *O acidente aconteceu ontem, na rua principal da QE40. A motorista vai responder por homicídio doloso*

**Título da reportagem:** *Uma barbeiragem fatal*

**Subtítulo da reportagem:** *Estudante de Direito bate em carro, sobe canteiro e atropela aposentado em pista principal da cidade. Vítima morre na hora.*

**Reportagem:** Mara Puljiz

**Data:** 23 de outubro de 2007

## Trecho da reportagem

No mesmo dia em que o professor de Educação Física Paulo César Timponi – acusado de ser o principal responsável pelo acidente que causou a morte de três mulheres na Ponte JK – participava de audiência na Justiça, a estudante de Direito Selma Germano de França Guimarães, 23 anos, protagonizava, na manhã de ontem, mais uma tragédia no trânsito. Ela foi presa depois de ter atropelado e arrastado por 72 metros o aposentado José Soares de Siqueira, de 69 anos. Ele tentava atravessar a via principal da QE 40, do Guará II, a poucos metros da faixa de pedestre. O acidente aconteceu por volta das 11h20. Devido à violência da batida, José nem chegou a ser socorrido pelos bombeiros e morreu no local.

Selma foi indiciada por homicídio doloso (com intenção de matar) e deverá ser encaminhada hoje ao presídio feminino. Até o fechamento desta edição, ela encontrava-se presa na 4ª DP (Guará). Se condenada, pode pegar de seis a 20 anos de reclusão.

## Mensagem iconográfica

Imagem de forte apelo emocional. A irmã da vítima se debruça sobre seu corpo e começa a rezar por ela. Uma parte do corpo da vítima, a cabeça, aparece de forma sutil. O policial está ao lado, representando a intervenção do Estado em uma tragédia cotidiana e, em último plano, é possível visualizar alguns membros da comunidade assistindo ao fato.

## Análise

O *Punctum* da foto 4 consiste na comoção e religiosidade, dois elementos que expressam sofrimento e dor em relação à morte. A irmã da vítima reza em frente ao corpo parcialmente coberto e apresenta uma expressão de sofrimento em seu rosto. Ela pratica o gesto de unir as palmas das duas mãos, universalmente conhecido como um gesto religioso. O ato de rezar transmite ao *Spectator* uma ligação de tristeza entre a senhora e o acontecimento. Este contexto fotográfico gera dúvidas sobre quem seria esta mulher: poderia ser considerada como a condutora que o matou e que demonstra desespero perante o resultado de sua imprudência, ou poderia tratar-se de um parente da vítima.

O *Studium* desta fotografia está representado pelas autoridades presentes ao lado da irmã da vítima, simbolizando iconograficamente o Estado como

consolador. Membros da comunidade, presentes em terceiro plano, observam o acontecimento e representam a solidariedade da população local diante do fato.

Foto 6 – Atropelamento de ciclista em Planaltina



FONTE: Jornal de Brasília

**Título da reportagem:** *Perdeu o controle da bicicleta e morreu*

**Reportagem:** Fernanda Scavacini

**Legenda da foto:** *O pedreiro Maxuel foi atropelado em Planaltina*

**Data:** 28 de novembro de 2007

## Trecho da reportagem

Todos os dias, o ajudante de pedreiro Maxuel Bispo de Almeida, 23 anos, ia de bicicleta para seu trabalho, a 8 km de sua casa, no Núcleo Rural Rajadinha, em Planaltina. Porém, ontem de manhã, ele não conseguiu

chegar ao seu destino. No caminho, foi atropelado pelo Gol placa JHH-1168(DF).

Segundo o motorista do carro, José Szareski, 73, o ajudante de pedreiro andava no acostamento quando perdeu o equilíbrio da bicicleta e entrou na pista. O motorista do Gol não conseguiu desviar a tempo.

Na mesma hora, José ligou para o Corpo de Bombeiros, mas o ajudante de pedreiro não resistiu aos ferimentos e morreu antes do socorro chegar.

## Mensagem iconográfica

Em primeiro plano, estão presentes os cones de propriedade da Polícia Civil, que têm como função isolar a área a ser periciada. Nesta imagem, o conjunto de cones está alinhado, é perceptível que o repórter fotográfico posicionou-se de uma forma intencional para mantê-los paralelos. Entre estes cinco cones, está o corpo da vítima, coberto com o lençol do Corpo de Bombeiros. No centro da imagem há um policial rodoviário que transmite ao Observador uma sensação de movimento. À direita, está representada uma parte do veículo que o atropelou. Em último plano, há vestígios de árvores.

## Análise

Essa fotografia apresenta uma abordagem ousada e artística do acidente de trânsito. A proporcionalidade entre os cones e o enquadramento proposital do repórter fotográfico fizeram dela um exemplo iconográfico que apresenta uma composição interessante. O *Punctum* desta fotografia é representado pelo policial que observa o corpo como se fosse alguém alheio ao trágico fato: ele está de passagem e é imune a sentimentos, demonstra um olhar de distanciamento. Esta fotografia não é apenas um mero registro, mas sim uma imagem de composição interessante.

De acordo com o repórter fotográfico Antônio Siqueira, não havia placas de sinalização no local. Esta falta de referencial proporcionou ao repórter fotográfico uma maior criatividade, com o uso da proporcionalidade e equilíbrio nesta composição fotográfica, apesar da exposição dos pés da vítima.



## Informações sobre o repórter fotográfico

### Fernando Rodrigues

Começou a carreira de repórter fotográfico durante a luta democrática em 79. Trabalhou como fotógrafo em plena ditadura militar para jornais alternativos no Rio de Janeiro, como o *Repórter* e o *Em tempo*, que vieram após um dos mais famosos, *O Pasquim*, símbolo jornalístico de resistência ao regime militar. Rodrigues iniciou na fotografia aos 15 anos e nessa época já presenciava cenas de violência urbana no Rio de Janeiro. É graduado em administração, mas sempre trabalhou paralelamente com fotojornalismo. Realizou trabalhos como *freelancer* em vários jornais. Afirmou em entrevista que presenciava conflitos nas ruas cariocas, que serviam de cena para a fotorreportagem. Fernando Rodrigues fotografava e vendia esse material a veículos impressos. Trabalhou em uma construtora de imóveis como administrador, mas trocou a estabilidade da área de recursos humanos pelo fotojornalismo. Pediu demissão do emprego e obteve o registro profissional de repórter fotográfico em 1979. Rodrigues trabalhou em veículos como as revistas *Visão* e *Veja* e os jornais *O Globo*, *O Dia* e *Última Hora*.

Foto 7 - Acidente com motoqueiro no Núcleo Bandeirante





FONTE: Jornal de Brasília

**Título da capa:** *Dois acidentes. Duas mortes.*

**Legenda da capa:** *Mônica Nascimento Cândido, de 18 anos, perdeu a vida ontem ao ser atropelada por um caminhão na DF-075. Ela estava na garupa de uma moto. Na mesma via, Erley de Paula (foto) morreu ontem no dia em que completava 28 anos. Ele foi fechado por um carro e bateu com a moto numa caminhonete*

**Título da reportagem:** *Morte sobre duas rodas*

**Subtítulo da reportagem:** *Duas colisões entre motos e veículos, ocorridas na DF-075, perto do Núcleo Bandeirante, deixaram duas pessoas mortas*

**Legenda da foto:** *Moto de Erley dos Reis Melo de Paula foi arrastada por 15 metros: jovem morreu no dia em que completava 28 anos*

**Data:** 1 de agosto de 2007

## Trecho da reportagem

[...]às 9h30, outra fatalidade. Erley dos Reis Melo de Paula morreu no dia em que completava 28 anos. Segundo testemunhas, Erley conduzindo uma moto Honda CG 125, foi fechado por um veículo não identificado, na altura do Núcleo Bandeirante. O condutor perdeu o controle, atravessou o canteiro central e colidiu com uma caminhonete Ford F-250, morrendo na hora.

## Mensagem iconográfica

Na foto 7, publicada na capa, em primeiro plano, está exposto o corpo da vítima, com destaque para os pés. Ao lado de Erley, aparece o capacete utilizado com o visor danificado devido ao impacto da colisão. Destaque para policial rodoviário federal observando o estado da vítima, retirando o pano que cobre seu rosto. No canto esquerdo, há a base de um poste de luz. Logo atrás do policial, há um perito segurando o equipamento que mede o comprimento do veículo e a distância de frenagem do mesmo. Atrás do policial, está o carro envolvido no acidente com a parte esquerda amassada. Marcas das freadas e resquícios da moto estão espalhados pela via. Atrás do veículo, há uma placa indicando o local do acidente (Park Way Pedras – Mármore e Granitos) rastros levam o Observador da foto à moto e atrás dela, outro veículo, que transitava na pista que não estava interditada pelas autoridades.

## Análise

O *Spectator* apresenta curiosidade para saber o que está por trás do pano que é removido pelo policial. Apesar da exposição da vítima, esta fotografia é caracterizada por ter um aspecto informativo. Em último plano é possível visualizar uma placa que indica o local onde aconteceu o acidente: entre as Cidades-Satélites Park Way e Núcleo Bandeirante. O carro envolvido no acidente está em um ponto central e apresenta a lataria correspondente ao lado do motorista, totalmente danificada. Os rastros na via proporcionam a sensação de continuidade da foto. Está explícito o resultado do acidente em primeiro plano e nos outros planos, a contextualização da tragédia. Ao lado do poste de luz, no canto esquerdo, há uma parte do rosto de um curioso, elemento que foi retirado pela equipe de tratamento de imagens antes da publicação da fotografia.

## Informações sobre o repórter fotográfico

### Minervino Júnior

Possui formação em publicidade, porém, atua como repórter fotográfico há 9 anos. Iniciou a carreira trabalhando como laboratorista da Secretaria de

Comunicação do Governo do Distrito Federal. Após este contato com a fotografia, Minervino despertou um maior interesse pela área. Foi repórter fotográfico da Agência Brasília em 2000. Em 2002, trabalhou para a campanha política do ex-governador Joaquim Roriz. Em agosto do mesmo ano, entrou para a equipe de fotografia do *Jornal de Brasília*. Fez diversos trabalhos para agências de publicidade como *freelancer*. Deixou o *Jornal de Brasília* em fevereiro de 2008 e atualmente trabalha como *freelancer* no *Correio Braziliense*.

Foto 8 - Atropelamento na Granja do Torto



FONTE: Jornal de Brasília

**Título da matéria:** *Morte na rodovia*

**Data:** 13 de julho de 2007

**Subtítulo da matéria:** *Caminhonete atropela jovem, perto da Granja do Torto, e o arrasta por quase 50 metros*

**Reportagem:** Saulo Araújo (estagiário)

**Legenda da foto:** *João de Deus morreu com fraturas por todo o corpo. Motorista ficou em estado de choque.*

### **Trecho da reportagem:**

Um acidente provocou a morte do auxiliar de produção João de Deus dos Santos, de 22 anos. Ele foi atropelado. Ele foi atropelado, ontem pela manhã, na via que liga o Balão do Torto à granja do Torto, próximo à BR-450, pela caminhonete MCL 200 placa JGB 1007, conduzida pelo empresário Ricardo Marcelino Fernandes, 30.

O jovem ficou preso na parte dianteira do veículo, que o arrastou por quase 50 metros e provocou fraturas por todo o corpo. O empresário ficou em estado de choque e teve de ser retirado do local. (JORNAL DE BRASÍLIA, 13/07/2007)"

### **Mensagem iconográfica**

Corpo em primeiro plano, com destaque para os pés da vítima e parte do braço esquerdo. Ao fundo, avista-se a caminhonete dirigida pelo condutor Ricardo Marcelino. Quatro transeuntes observam o corpo estendido no chão. É possível observar outro carro no canteiro próximo à pista onde aconteceu o atropelamento.

## **Análise**

Não há elementos que situam o local do acontecimento. O *Spectator* recebe a informação contida na fotografia de forma simples e objetiva. Segundo Minervino, a inclusão de curiosos que passavam pelo local minutos após o acidente foi proposital. A participação destas pessoas neste contexto fotográfico proporciona vivacidade e movimentação a esta interpretação da notícia. Caso contrário, a fotografia transmitiria a sensação de falta de ação. O capô do automóvel totalmente danificado é um dos elementos informativos desta imagem, que remete o leitor ao momento do atropelamento, apesar do mesmo não tê-lo vivenciado. O rastro de sangue representa neste contexto a instantaneidade do fato, pois ainda ocupa um espaço pequeno da pista.

O elemento mais chocante desta composição é o que recebe maior destaque: os pés da vítima. A exposição desta parte do corpo é tão explícita, que deixa o *Spectator* incomodado. Apesar desta observação, esta fotografia não foi considerada agressiva pelo próprio autor, Minervino Júnior. Para ele, a abordagem que pode ser considerada violenta para o leitor do *Jornal de Brasília* são as fotografias com conteúdos explícitos. Neste caso, Minervino Júnior acredita que o corpo coberto da vítima caracteriza a fotografia, automaticamente, como uma composição de signos não-agressiva.

Foto 9: Acidente no Eixo Rodoviário



FONTE: Jornal de Brasília

Foto 10 - Vítima Sabrina Damasceno



FONTE: Jornal de Brasília/reprodução Orkut

**Título da matéria:** *Motorista morre na hora ao bater em mureta de viaduto*

**Data:** 11 de novembro de 2007

**Subtítulo da matéria:** *Terapeuta ocupacional perdeu controle da direção, na manhã de ontem. Estava sem o cinto de segurança e não resistiu aos ferimentos*

**Reportagem:** Luiz Calcagno

**Legenda da foto:** *Veículo de Sabrina (foto em detalhe) ficou destruído com a pancada na mureta. O velocímetro cravou 90 km/h. Vítima, segundo amigos, voltava de uma festa do Sinpol, no Pavilhão do Parque da Cidade. Perícia dirá as causas do acidente.*



## Trecho da reportagem

Um acidente no Eixo Rodoviário Sul, na altura do Banco Central, tirou a vida da terapeuta ocupacional Sabrina Damasceno Viana Nunes, 28 anos. A vítima dirigia um Pólo preto, placa JHH-1288-DF, quando perdeu o controle da direção e bateu na mureta de proteção que sobe para o Setor Comercial Sul (SCS), por volta das 7h50 de ontem.

A mulher estava a 90 km/h (o velocímetro cravou esta velocidade) e o choque foi violento. Sabrina estava sem cinto de segurança e morreu na hora. O trânsito no local ficou interditado até 11h40, quando o veículo da terapeuta foi retirado do local. O marido de Sabrina, Paulo Nunes, estava muito abalado e não falou com a reportagem. (JORNAL DE BRASÍLIA, 11/11/2007)

## Mensagem iconográfica

Em primeiro plano, aparece um veículo Pólo de cor preta, com uma parte posicionada no canto direito do lado de fora da mureta. A outra parte do automóvel está posicionada no lado correspondente à via do Eixo Rodoviário. Há uma grande quantidade de cabeamento pertencente ao Corpo de Bombeiros. Trata-se de uma fotografia que registra o resgate dos bombeiros à vítima, que faleceu instantaneamente após a colisão. Em segundo plano, é possível observar a curiosidade de transeuntes que assistem ao resgate. Um dos bombeiros é sustentado por uma corda, fato registrado por outras fotografias do mesmo acidente. Esta foto caracteriza-se por apresentar um recorte diagonal de um acidente de trânsito.

## Análise

A visão simples e direta desta fotografia, que Roland Barthes classifica como *Studium*, é certamente, o veículo Pólo totalmente danificado. Esta percepção da fotografia é realizada pelos *Spectators*, que folheiam o jornal, recebendo, portanto, informações superficiais a respeito desta composição fotográfica. A intenção desse olhar é pré-definido porque não há a intenção de aprofundamento e reflexão acerca deste acontecimento. A reprodução da fotografia da vítima é a imagem que atrai o leitor em primeiro momento, e, em seguida, incentiva o desejo do aprofundamento do que aconteceu.

Esta visão do estado do automóvel torna-se uma visão superficial: o olhar de cada indivíduo interfere na reflexão acerca das informações que essa imagem transmite. O *Punctum*, que é a definição de Barthes para o “detalhe”, torna-se presente nesta fotografia, que, se analisada por um leitor com pouca percepção, pode ser considerada uma imagem sem informação. Um dos detalhes interessantes desta fotografia é a representação de um integrante do Corpo de Bombeiros que garante a segurança da estrutura do veículo antes de realizar o resgate do corpo de Sabrina. Um grupo de 21 transeuntes assiste ao militar.

Nos arquivos fotográficos do *Jornal de Brasília* estão disponíveis mais de 40 fotografias deste mesmo acidente: em várias delas, há imagens do resgate dos militares do Corpo de Bombeiros. É possível observar, de forma sutil, o corpo da vítima sendo transferido para o carro do Instituto Médico Legal (IML). Mesmo com o acervo fotográfico com o corpo da vítima, Minervino Júnior decidiu procurar alguma foto de família para realizar uma reprodução. No site de relacionamentos *Orkut*, foi possível encontrar a fotografia, que registra um momento de lazer. Esse contexto fotográfico transmite um sentimento de aproximação do leitor com a situação trágica da vítima. Uma informação importante sobre o conteúdo que está registrado neste arquivo fotográfico é o porta-malas do carro de Sabrina: foram encontrados uma caixa de uísque rasgada e um copo plástico. Provavelmente, a jovem tornou-se vítima de sua própria imprudência.

O repórter fotográfico poderia registrar apenas o veículo praticamente partido ao meio, mas preferiu inserir outros elementos icônicos a ela: entre eles, uma referência de localização (Galeria do Trabalhador), o que para o leitor comum de jornal poderia ser considerado uma certa despreocupação com a imagem, todavia, na realidade, a exposição desses detalhes foi intencional.



## Conclusão

Inicialmente, esta monografia tinha como um dos seus objetivos realizar uma análise de todas as fotografias de acidentes de trânsito publicadas no *Jornal de Brasília* entre os meses de julho e novembro de 2007. Foi encontrado um total de 28 fotografias, com diversas abordagens. Uma delas, de autoria de um repórter fotográfico da *Agência Estado*. O *Jornal de Brasília* não cedeu a imagem por motivos burocráticos. Duas fotografias estavam arquivadas na própria Central de Documentação (Cedoc). Tratavam-se de fotos antigas, de anos anteriores ao de 2007. Outras imagens não foram liberadas pela chefia de fotografia. Não houve justificativa.

A conclusão que se pode tirar deste trabalho de pesquisa é que o repórter fotográfico, apesar de obedecer a uma determinada hierarquia no ambiente de trabalho, pode tornar-se o agente transformador de uma linha fotográfica do veículo. Este tipo de transformação pode ser realizada com um trabalho a longo prazo, feito por um conjunto de profissionais que possuem entre seus valores, a abordagem fotojornalística ética e profissional.

Considerando a falta de espaço e a necessidade de inserir as imagens no corpo desta monografia, foi delimitado um número de 10 fotos para a análise. Os critérios utilizados para a escolha destas fotografias foram o impacto dos elementos da foto, qualidade técnica e abordagens diferenciadas.

Após essa profunda análise dos signos e do contexto fotográfico presente nestas representações é possível afirmar que a abordagem do espaço do repórter fotográfico pode ultrapassar a linha editorial do *Jornal de Brasília*. É possível também perceber que os repórteres fotográficos não são estimulados a refletir acerca do material fotográfico que produzem; seja pela falta de tempo com o ritmo acelerado da Redação, ou pela mecanização e mercantilização de seu trabalho, incentivada em seu contexto dinâmico de trabalho. O fato de grande parte desses profissionais não possuírem a habilitação em Jornalismo auxilia na desvalorização da categoria, que é vista com preconceito por parte dos profissionais que concluíram o curso de Jornalismo.

A abordagem fotográfica realizada pelo profissional é resultado de um conjunto de características psicológicas deste repórter fotográfico. É possível

observar, a partir material exposto, os diferentes perfis de profissionais que aceitam a abordagem defendida pelo *Jornal de Brasília*, e aqueles profissionais que tentam trilhar caminhos diferenciados em sua abordagem fotográfica.

É possível realizar uma cobertura de acidentes de trânsito que não exponha as vítimas e torne-se uma ferramenta de educação no trânsito. Realizar um trabalho que informe e não agride o leitor, é um desafio que vale a pena ser seguido por fotojornalistas éticos.

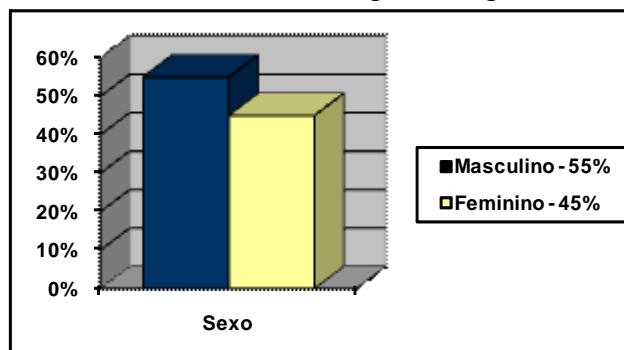
## Bibliografia

- ANDRADE, Marçal Ferreira. **História da Fotorreportagem no Brasil: A fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro : Campus, 2004.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. 7. ed. Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1980.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro : Gama Filho, 2002.
- HENN, Ronaldo César. **Pauta e a Notícia: uma abordagem semiótica**. Canoas : Editora Ulbra, 1996.
- HUMBERTO, Luis. **Fotografia, a poética do banal**. Brasília : Editora UnB, 2000.
- KEENE, Martin. **Fotojornalismo: Guia Profissional**. Lisboa : Dinalivro, 2002.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda : jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo : Summus, 1988.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo : Contexto, 2005.
- PEREGRINO, Najda. **O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem**. Rio de Janeiro : Dazibao, 1991.
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo – Coleção Primeiros Passos**. 10. ed. São Paulo : Brasiliense, 1998.
- RÜDIGER, Francisco. **Introdução à Teoria da Comunicação: problemas, correntes e autores**. 2. ed. São Paulo : Editora Edicon, 2004.
- SONTAG, Susan. **Ensaios sobre Fotografia**. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1986.
- STUMPF, André Gustavo. SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO DISTRITO FEDERAL. **Jornalismo de Brasília: impressões e vivências**. Brasília : Lantana Comunicação, 1993.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo : Porque as notícias são como são**. 2. ed. Florianópolis : Editora Insular, 2004.
- O FLUMINENSE**: jornal online. Consultado no dia 10 de maio de 2008 e disponível no endereço eletrônico: <[www.ofluminense.com.br](http://www.ofluminense.com.br)>

## **Anexos**

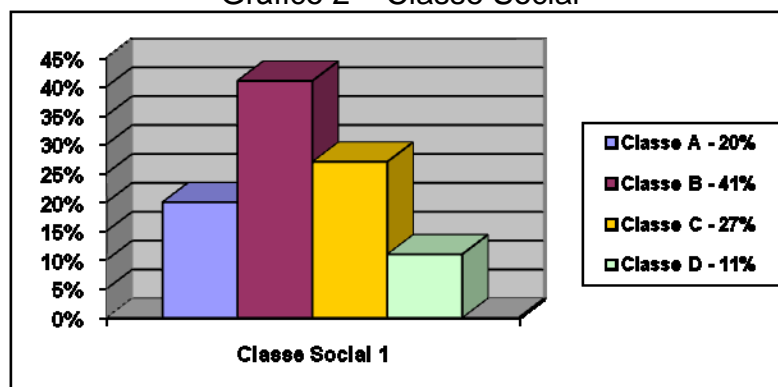
## Anexo A – Dados dos leitores do *Jornal de Brasília*

Gráfico 1 – Porcentagem de gênero



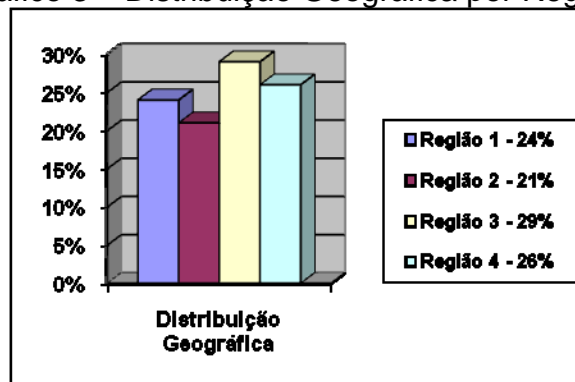
FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

Gráfico 2 – Classe Social



FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

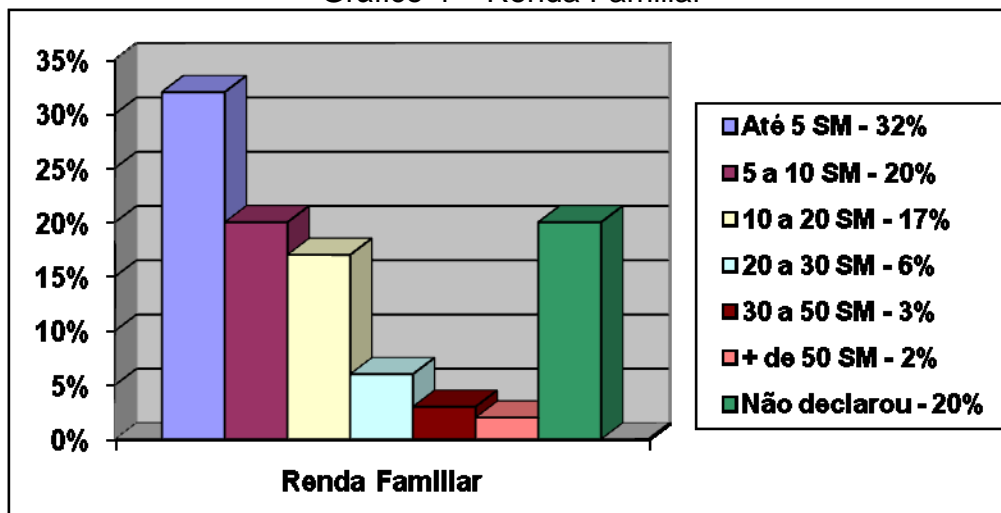
Gráfico 3 – Distribuição Geográfica por Região<sup>3</sup>



FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

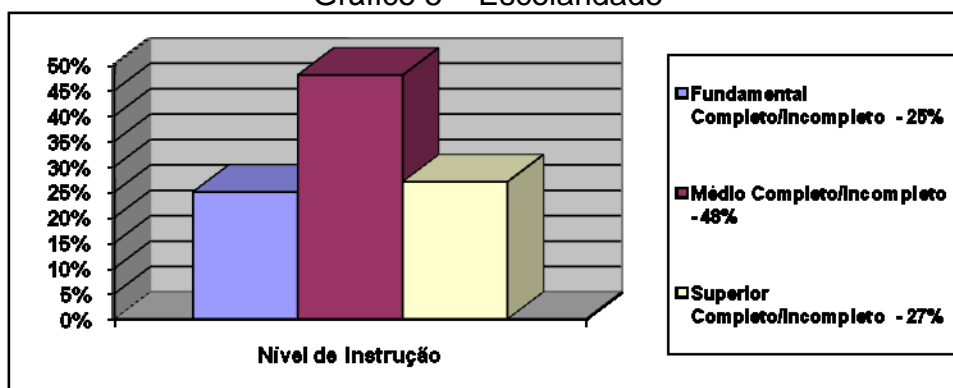
<sup>3</sup> Região 1: Plano Piloto/Logo Sul e Norte. Região 2: Norte/Centro – Cruzeiro/Paranoá/Guará/Sobradinho/Planaltina. Região 3: Núcleo Bandeirante/Taguatinga/Gama. Região 4: Ceilândia/Samambaia/Brazlândia

Gráfico 4 – Renda Familiar



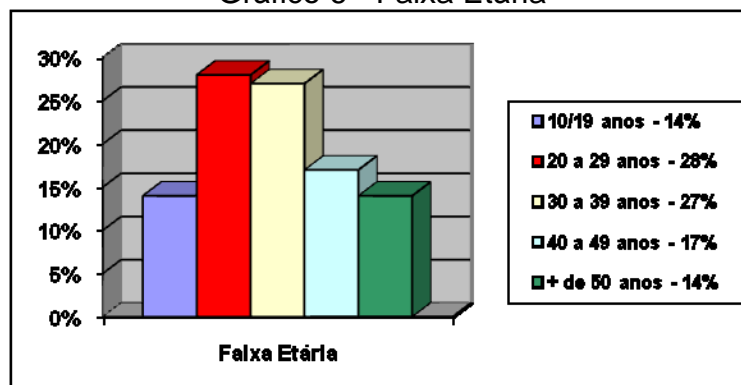
FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

Gráfico 5 – Escolaridade



FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

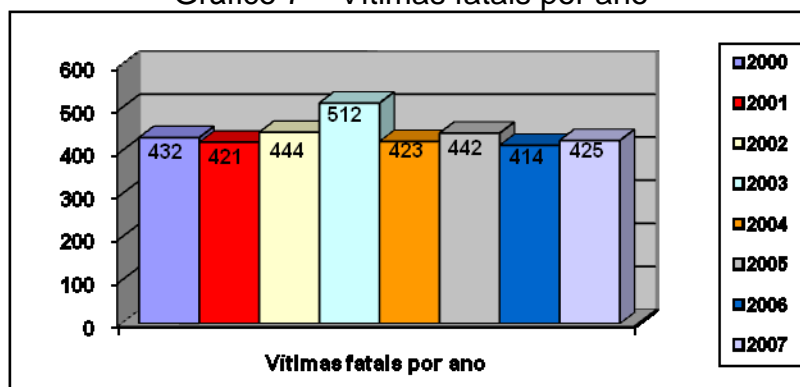
Gráfico 6 - Faixa Etária



FONTE: Instituto de Pesquisas Marplan

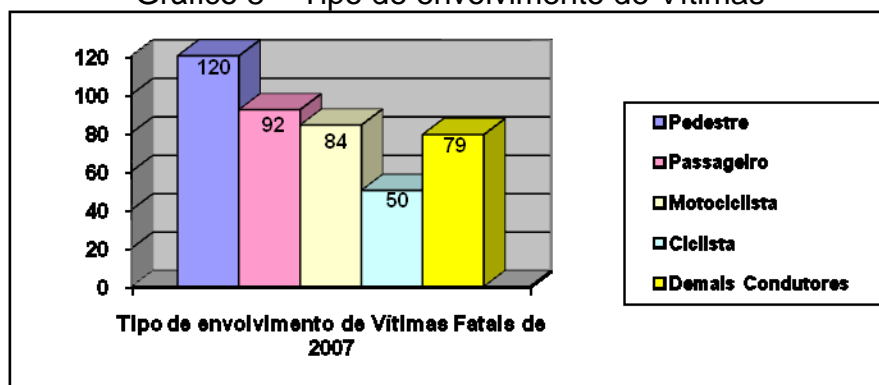
## Anexo B – Dados de acidentes divulgados pelo Detran/DF

Gráfico 7 – Vítimas fatais por ano



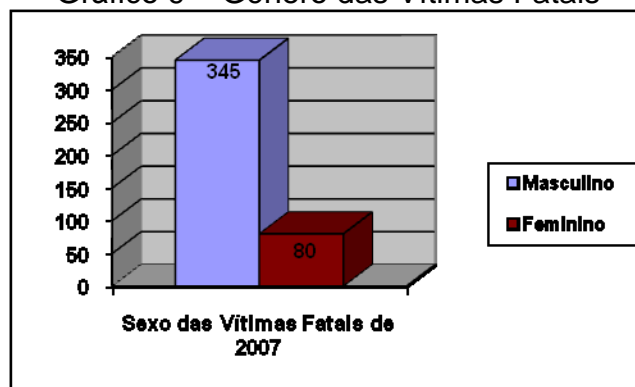
FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)

Gráfico 8 – Tipo de envolvimento de Vítimas



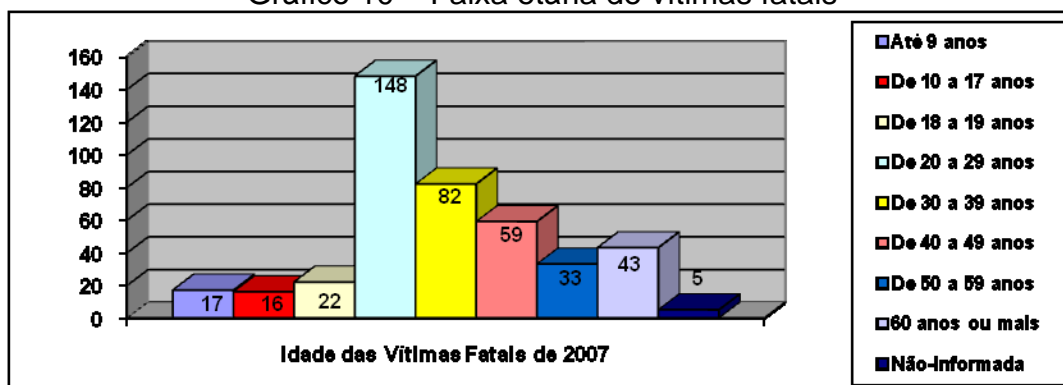
FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)

Gráfico 9 – Gênero das Vítimas Fatais



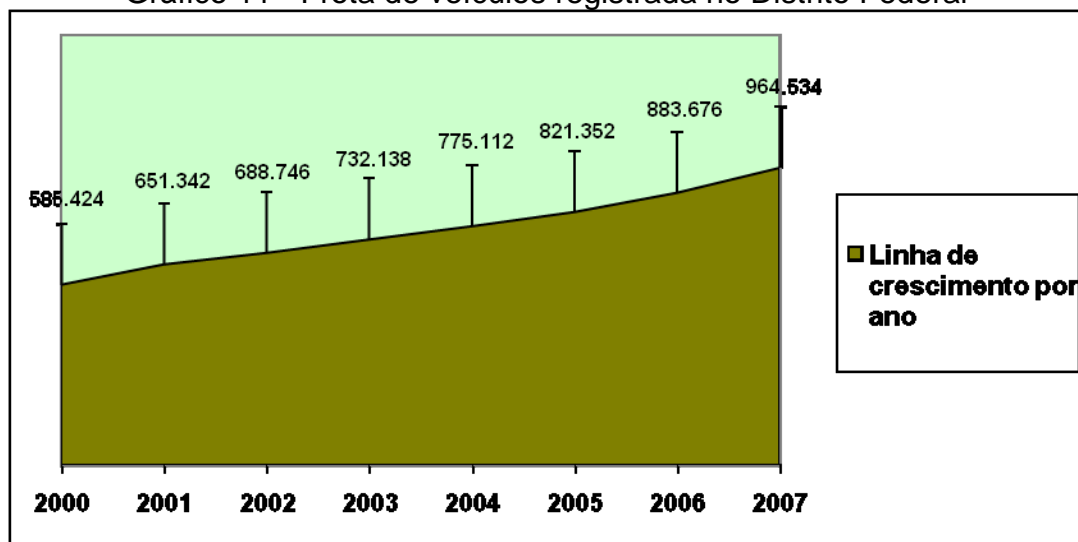
FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)

Gráfico 10 – Faixa etária de vítimas fatais



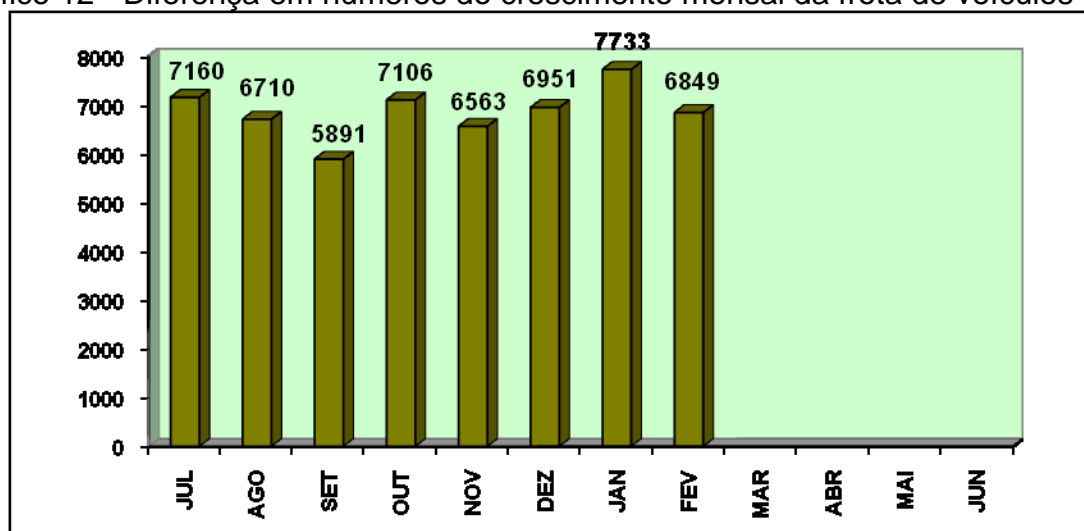
FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)

Gráfico 11 - Frota de veículos registrada no Distrito Federal



FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)

Gráfico 12 - Diferença em números do crescimento mensal da frota de veículos



FONTE: Departamento de Planejamento/ Núcleo de Pesquisa (Dirplan/Detran)



## Apêndice

## Apêndice A

### Entrevista Antônio Siqueira – Repórter Fotográfico

#### **1) Quando aconteceu seu primeiro contato com fotografia em acidentes de trânsito com vítimas fatais?**

Foi em 1994, quando fiquei a primeira vez com a câmera fotográfica do Correio Braziliense. Trabalhava à noite, das 18h até o fechamento. No fim do expediente, havia um transporte que deixava os funcionários em casa. Durante o percurso vimos um carro capotado. Havia uma pessoa aparentemente mal e faleceu em poucos minutos. Não tive dúvidas: foi a primeira foto de uma vítima de acidente de trânsito. Para reproduzi-la, segui um conselho de um fotógrafo: usei todas as lentes disponíveis e fotografei de vários ângulos.

#### **2) Qual é a sua relação com a pessoa fotografada?**

Nas primeiras vezes foi um espanto. Ver a pessoa daquele jeito, toda ensanguentada. Eu nunca tinha visto alguém nessa situação. Muitas vezes vejo a vítima esquartejada (os membros se separam devido ao impacto do acidente). A primeira reação é de espanto e até medo, mas eu já acostumei. Todos os dias se faz homicídio, acidente de carro, atropelamento. É mais ou menos como o médico, ele tem que abrir a pessoa, tem que ter sangue frio. No início eu até tremia, mas é um mal necessário. Você se acostumar com uma coisa dessas.

#### **3) Qual é o seu tipo de abordagem (estilo) fotográfica nessas situações?**

Antes de tudo o fotógrafo deve observar, fazer umas fotos gerais, de uma boa distância. É preciso observar o ambiente antes de tirar fotos mais aproximadas. A primeira imagem que é feita do acidente é uma imagem geral, bem distante, que mostra o que aconteceu de uma forma pouco detalhista. O grande problema é o parente. Ninguém que tem um familiar que sofreu um acidente quer que ele apareça na foto vulnerável daquela forma, na capa de um jornal. O tipo de foto também vai depender muito do que aconteceu.

#### **4) Quais são os elementos que você procura para compor a foto? Quais deles são essenciais para obter uma boa foto?**

Se o acidente tiver sido provocado por alta velocidade e imprudência e tiver uma placa de quilometragem no local, é bom mostrá-la para compor a foto. A mesma coisa é quando há um atropelamento próximo a uma faixa de pedestres. O repórter fotográfico busca compor a foto com todos os elementos que envolvem o fato. É uma foto informativa. Fotografar os pés ou as mãos da vítima e o carro batido em segundo plano. Antes da perícia não podemos nem pisar no local para não deixar vestígios. Não podemos mudar os objetos de local, porque dessa forma seria produção fotográfica. A abordagem que eu prefiro é a bem discreta, e não aquela imagem feia e pode-se dizer até macabra.

#### **5) Você já chegou a retirar o pano do hospital de base para fotografar a vítima?**

Alguns policiais oferecem retirar o pano para a gente fazer a foto. Eu tirava esse tipo de fotografia para o jornal Na Hora H! , do Grupo Jornal de Brasília, que tinha como

objetivo mostrar a realidade nua e crua mesmo. Mas eu mesmo nunca tmei a atitude de tirar esse pano, não é correto. Não gosto desse tipo de foto por respeito e até pelos meus princípios. É um tipo de imagem que eu abomino. Prefiro deixar esse trabalho para os legistas.

É um tipo de linha do fotojornalismo que eu não gosto, eu gosto de arte. Todos precisam trabalhar, precisam ter um modo de sobreviver. Eu condeno esses profissionais em parte, porque tem pessoas que não estão nem aí. Geralmente são as que trabalham há muito tempo com isso. Quanto mais você puder maquiá, mostrar a gravidade sem mostrar a pessoa falecida, é melhor. Essa é minha linha, o meu trabalho.

**6) *Você acha que seu estilo pode ultrapassar a linha editorial do jornal?***

Claro que sim. Eu sempre penso em fazer aquela imagem diferente, algo não comum. Fotografia é viagem, tem que ser aquela coisa inusitada. Isso que diferencia um fotógrafo de um repórter fotográfico. Você faz a foto para sua satisfação e outra para a satisfação da empresa.

**7) *É mais fácil a foto do seu estilo ser publicada uma foto ou a outra que é de maior interesse do jornal?***

Se for pra responder em uma porcentagem, acredito que seria 50% de possibilidade dos dois tipos de foto serem publicadas.

**8) *Entre os profissionais envolvidos em acidentes de trânsito, como médicos legistas, peritos da polícia civil e bombeiros, alguma dessas categorias reage, de forma negativa, ao trabalho do fotógrafo? Se sim, por quê?***

Quem geralmente reclama são os médicos legistas, que não querem sair na foto. Um deles falou uma vez que a filha viu a foto dele fotografando um cadáver e não queria que ela visse isso. Eu sempre digo que não posso deixar de registrar o seu trabalho, que é realizado em um espaço público. Falo também que ele tem a mesma função que a minha: informar ao público. Quando isso acontece, é abuso de autoridade e restrição à liberdade da imprensa.

**9) *Você já presenciou algum acidente de carro com vítimas fatais fora do horário de trabalho? Se sim, qual foi a sua reação?***

Nem tinha câmera fotográfica. Minha reação foi de pavor. Vi a pessoa totalmente ferida. Se eu estivesse com a câmera, como jornalista e profissional, teria que registrar sim.

**10) *Qual é a sua relação com a família da vítima?***

Essa é a parte mais difícil, até quando a família não se incomoda. É muito chato. Às vezes a pessoa que faleceu sustentava a família. Isso só acontece com as pessoas de classe mais baixa, que eram o pilar da família. É muito chato você invadir o espaço das pessoas, ter que fazer imagens dos familiares tristes e chorando. O tipo de matéria que eu mais odeio é a que envolve mortes. Você tem que abordar uma pessoa e, no caso de acidentes de trânsito, geralmente famílias de bem. As reações são sempre me chamarem de urubu, de safado. Já me xingaram muito. Se o concorrente tem a foto e eu não tenho, isso a chefia não ia entender.

Dependendo da situação, peço desculpas com humildade e explico que esse é meu trabalho. Falo também que outra empresa fotografou e que se eu não levar esse

material à redação posso perder meu emprego. Algumas pessoas compreendem, mas pedem para que eu não exponha o corpo da vítima. Outras dizem que a morte do parente não é notícia para jornal.

Conheço vários fotógrafos que gostam desse tipo de foto agressiva, tanto profissionais de bem quanto profissionais hipócritas. Isso é muito pessoal.

**11) *Após a rotina de fotografar pessoas falecidas, houve alguma mudança da sua maneira de lidar com a morte?***

Sim. Medo, indiferença. Isso muda muito a cabeça de uma pessoa. Às vezes não consigo dormir. Isso me mudou completamente. Já sonhei com o cara abrindo os olhos e perguntando se ficou bem na foto. Já acordei várias vezes no meio da noite. Desgraça alheia é complicado. Já vi pessoas esquartejadas com acidente. Passei a tomar calmante, não conseguia dormir. Tem gente que me acha fresco por causa disso, sou mesmo. Pelo menos sou gente.

Agora eu sou mais racional que antes. Mas mesmo assim é diferente quando o falecido é uma pessoa que você ama, não tem como ser racional. Se fosse na minha situação e eu estivesse fora do horário de trabalho e visse um fotógrafo, ia pedir pra que ele parasse de fotografar. Se fosse assassinato, homicídio, crime doloso, aí sim. Mas sem mostrar o estrago. A reportagem é uma forma de mobilizar as autoridades para solucionar os crimes.

Acho que depende da linha editorial do jornal. Depende muito do estilo da pessoa e o que ele é imposto a fazer. É um conflito. Isso é do fotojornalista, qual a linha que ele segue. Temos fotos maravilhosas de guerra, de pessoas explodindo, pessoas levando tiro.

No dia que eu fizer só fotos com a minha abordagem, acho que vou ser demitido. O estilo nunca pode sobressair. Sempre vou ter que seguir a linha da empresa que eu trabalho.

**12) *Qual é a linha editorial defendida pelo Jornal de Brasília?***

A linha que o Jornal de Brasília defende: é a linha popular. O povo gosta de ver as imagens da desgraça alheia. Para mim, elas são a encarnação das pessoas que viram Cristo ser crucificado. Nas cidades satélites, quando cubro atropelamentos, tem mães que chegam até com crianças de colo para ver o corpo naquela situação.

**13) *Há uma diferença de reações quando se trata de camadas sociais opostas?***

As pessoas de baixa renda têm reações diferentes. Na Estrutural já vi atropelamentos que se tornaram um grande acontecimento. Na classe média alta isso é encarado como uma fatalidade. As pessoas que param para observar isso no Lago Sul, por exemplo, só passam para checar se trata de algum parente ou amigo. Fazendo uma comparação quantitativa, são 50 pessoas na Estrutural e 3 no Lago Sul. É diferença, a classe social. Os mais humildes são mais curiosos.

## Apêndice B

### Entrevista Freddy Charlson – Pauteiro e Chefe de Reportagem

**1) Fale um pouco sobre sua experiência profissional. Em que ano começou como repórter e quais as funções que você exerceu no *Correio Braziliense* e agora no *Jornal de Brasília*. Já trabalhou em outro jornal além desses?**

Comecei a trabalhar como repórter ainda durante o curso de Comunicação Social (Jornalismo) na Universidade de Brasília. Abri, com alguns amigos, uma empresa chamada Grupo 9 Comunicação, que fazia jornais para cerca de 20 escolas particulares do DF. Fiz estágio na Rádio Cultura, Rádio Nacional, Unicef e *Correio Braziliense*. Acabei contratado pelo *Correio Braziliense*. Comecei minha trajetória lá na Editoria de Esportes, em 1996. Depois, fui chamado para trabalhar na Editoria de Cidades, onde fiquei um bom tempo. Como sempre quis experimentar, acabei, sucessivamente, sendo chamado para trabalhar nas editorias de Suplementos, Brasil e Caderno 2. Acabei virando sub-editor e editor, durante dois anos, do suplemento semanal voltado para adolescentes, o X-Tudo, que fez história no jornalismo local. Em 2002, fui convidado para trabalhar no *Jornal de Brasília*. Depois de breve passagem na Editoria de Esportes, como redator, fui chamado para ser repórter em Cidades. Após passar em um concurso no Ministério da Educação, em 2004, virei redator de cidades. E, depois, editor do jornal Na Hora H!, que faz parte do grupo *Jornal de Brasília*.

**2) Há quanto tempo trabalha como chefe de reportagem do *Jornal de Brasília*?**

Em agosto de 2007 fui promovido a Chefe de Reportagem do *Jornal de Brasília* e passei a ser responsável pela produção da pauta do jornal.

**3) Qual é o critério de noticiabilidade adotado para a produção de matérias? O que se torna prioridade para a editoria de Cidades?**

Esta é uma pergunta com resposta bastante ampla. O que é notícia? Em tese e de maneira rápida e rasteira, notícia é aquilo que é conceituado tudo o que é de interesse do leitor. Afinal, é para o leitor que o jornal é feito. Assim, um crime passionai é notícia, uma decisão do governo é notícia, um acidente é notícia, um evento é notícia. O que se torna prioridade, para Cidades, porém, é aquilo cuja noticiabilidade é capaz de interessar ou influenciar uma maior quantidade de leitores. Claro que há muitas pautas que não podem deixar de ser produzidas, principalmente as mais dramáticas ou, também, as de serviços.

**4) Há algum estilo fotográfico que o *Jornal de Brasília* aprova na seleção das fotografias de acidente de trânsito?**

É sempre preferível a sutileza ao escracho. Ou seja, o fotógrafo e, por consequência, o editor de fotografia, devem ficar atentos a não chocar o leitor, mas, ao mesmo tempo, devem informar, devem mostrar o fato. É preferível, claro, uma mancha de sangue no asfalto a uma cabeça esfacelada. É preferido um sapato no meio da pista a um pedaço de corpo. É preferível o olhar triste de uma testemunha a um corpo preso nas ferragens.

**5) Qual é a periodicidade que é realizada a ronda policial? Quantas vezes ao dia (em média)?**

A ronda policial é realizada o tempo inteiro, com breves intervalos de meia hora a uma hora. Durante a manhã, temos um estagiário e um repórter fazendo a ronda. À tarde, também. À noite, até o fechamento do jornal, temos mais um repórter na ronda. É uma de nossas grandes preocupações.

**6) Existe uma prioridade na cobertura de acidentes de trânsito com vítimas fatais? Se sim, por quê?**

O trânsito sempre é uma prioridade na cobertura jornalística da cidade. Assim, ficamos atentos às estatísticas do Detran, do DER e da Polícia Rodoviária. É sempre bom e objetivo ilustrar as matérias factuais, do cotidiano, com números que as corroborem. Afinal, Brasília, apesar do aumento na frota de veículos e dos constantes acidentes, é uma das cidades onde o Código de Trânsito Brasileiro é mais respeitado, principalmente em relação à faixa de pedestres. Não é à toa, portanto, que quando ocorre um acidente ou atropelamento na faixa, é um Deus-nos-acuda, grande chance de virar chamada de capa ou até manchete do jornal.

**7) Qual é o caminho percorrido por uma fotografia até sua publicação? Você ajuda a selecionar a fotografia que será publicada?**

De certa forma, ajudo, sim. O trabalho de fotografia começa na apuração, com repórter e fotógrafo trabalhando juntos para conseguir a melhor foto. Muitas vezes peço uma foto tal (horizontal, vertical, de corpo inteiro, de paisagem...) para o editor de fotografia. Quero uma foto, enfim, que colabore para o contexto da notícia, sempre respeitando, claro, a prerrogativa do editor de fotografia, responsável principal pela área de imagens, pela tal iconografia.

## Apêndice C

### Entrevista José Fernando Rodrigues – Repórter Fotográfico e Chefe de Fotografia

#### **1) Quando aconteceu seu primeiro contato com fotografia em acidentes de trânsito com vítimas fatais?**

Eu não lembro ao certo. Quando comecei a trabalhar profissionalmente com fotojornalismo foi justamente no período apelidado mão branca no Rio de Janeiro. Era comum ver tanta morte acontecendo na rua, vi gente sendo metralhada, já vi corpos esquartejados. Eu cobria polícia freqüentemente. Mas o acidente de trânsito é diferente de você chegar a uma favela e encontrar uma chacina onde morreram cinco ou seis traficantes. Você chegar à Baixada Fluminense e saber que aqueles caras eram estupradores. No trânsito não: é um pai de família, uma mãe de família, um aluno que saiu da escola. É completamente diferente. O cara que está envolvido na guerra do tráfico sabe que está vivo agora e daqui a duas horas pode estar no meio de um tiroteio e morrer. Você não vai à escola ou vai ao supermercado achando que vai ser acidentado. Então é uma situação que sensibiliza, enquanto a outra não nos sensibiliza. Pelo menos não a mim.

#### **2) Qual é a sua relação com o sujeito fotografado?**

É de sensibilidade e respeito, porque aquela pessoa poderia ser eu, poderia ser você. É o inesperado. De repente você está caminhando e alguém invade a calçada e cai em cima de você. Você não está procurando aquilo, você não está em uma guerra, mas está vivendo seu dia-a-dia e de repente a coisa acontece.

#### **3) Qual é o seu tipo de abordagem (estilo) fotográfica nessas situações?**

Prefiro fazer uma imagem que mostra o fato em si, mas sem escancarar. Não abuso da imagem de ninguém. Não foco a lente no rosto da vítima, prefiro não expô-la tanto. Não é nenhum vagabundo que está ali.

#### **4) Você conhece algum fotojornalista que prefere abordar o fato de forma mais agressiva?**

Sim, conheço. É o cara chamado sanguinário. No Rio de Janeiro, tinha um colega fotógrafo que fazia fotos de jornalismo policial. Ele usou uma foto de uma pessoa decapitada para confeccionar o seu cartão de visitas e colocou a seguinte frase: perca a cabeça, mas antes ligue pra mim.

#### **5) Quais os elementos que você procura pra compor este tipo de foto?**

Vai depender de onde aconteceu o acidente. Se a vítima caiu em uma ribanceira, todos os elementos ficam muito distantes, o acesso é difícil, até porque a gente mistura arte com informação. Se você está em um lugar onde possa subir em um plano mais alto para mostrar o engarrafamento causado pelo acidente, isso é informação. Ou seja, o engarrafamento foi causado por um acidente e houve uma vítima, por isso houve um bloqueio. Você junta uma coisa a outra e isso ajuda muito a ter uma boa foto. Eu observo a situação e aproximo de certa forma e faço uma foto

geral, mostrando exatamente o que meu olho está vendo. Dependendo do que eu vou encontrar, vou me aproximar e detalhar o assunto.

**6) *Você acredita que o estilo de cada fotógrafo pode sobressair à linha editorial do jornal?***

Acho que sim, de qualquer jornal.

**7) *Qual é a linha editorial do Jornal de Brasília?***

Acho que não tem uma linha definida. Dentro desse assunto, eles não usam o escancarado. Se eu puder fazer uma boa foto panorâmica, mostrando a situação, sem esculachar a vítima, essa com certeza é a preferida.

**8) *Entre os profissionais envolvidos em acidentes de trânsito (médicos legistas, bombeiros, policiais civis), alguma dessas categorias reage de forma negativa ao trabalho do fotógrafo? Se sim, por quê?***

O pessoal da perícia, os legistas. Alguns são legais, outros embarram falando que não querem aparecer na foto. Mas pra mim que vive disso, não serve retratar um corpo estirado no chão, a foto sem nenhum movimento. Isso não é fotojornalismo. Tem que ter uma movimentação, um clima. Se não tiver movimento, é um retrato de um defunto estirado ao chão. Um carro de polícia ao fundo, um soldado da Polícia Militar tomando conta do local. Isso dá um clima e mostra o que realmente está acontecendo.

**9) *Você já presenciou algum acidente de carro com vítimas fatais fora do horário de trabalho? Se sim, qual foi a sua reação?***

Eu fiquei muito nervoso e procurei ajuda. Não estava com a minha câmera. E se estivesse com ela não teria fotografado, a não ser que fosse um acidente de grandes proporções. Mas não se estivesse em uma via comum, com o carro que atropelou alguém. Nessa situação não fotografaria.

**10) *Como você lida com a família da vítima?***

Trato com a maior delicadeza. Eu evito até chegar perto. Deixo o repórter se aproximar, não fico tentando roubar foto à distância, com a lente tele. Imagina um parente de uma vítima com a própria mãe estirada ao chão?

**11) *Como profissional, (após a rotina de fotografar) você passou a ter uma relação diferente com a situação trágica da morte?***

Minha relação não mudou. A morte é algo natural, que independe da nossa vontade. No dia em que você se acostumar realmente com isso você está perdendo a sua sensibilidade e eu não quero perder isso. Quero continuar não me acostumando com esse tipo de situação.

**12) *Qual foi a primeira vez que você viu uma pessoa morta? Qual marcou mais?***

Foi no subúrbio do Rio de Janeiro. Amarraram o pé de um rapaz em uma máquina (que os caras usam pra fazer derrubadas de barraco). O deixaram pendurado de cabeça para baixo. Essa foto rodou o mundo, todo mundo da imprensa a fez.



**13) O fotojornalismo aborda de forma ética as vítimas de acidente de trânsito?**

Depende do veículo onde o fotógrafo trabalha. Cada veículo tem uma linha editorial. Dependendo do que fosse, o *Jornal de Brasília* só publica fotos com vítima fatal. Talvez o *Tribuna do Brasil* use outros critérios, o *Correio Braziliense* dá uma notinha. Cada jornal tem a sua linha, independente da qualidade da foto.

**14) Como você se comporta ao chegar a um local onde ocorreu um acidente de trânsito?**

Normalmente eu peço para o motorista parar o carro nunca em cima da situação, peço pra parar antes. O policial já estava mais ou menos por perto, estava o corpo estirado. Estou há mais ou menos a uns 10 metros de distância da situação. Tem a indicação do local, pela placa. É uma boa foto de um acidente, é uma foto completa. Você tem a vítima, policial, carro, moto caída e identificação do local. Isso foi uma coisa que quando cheguei aqui em Brasília eu parava o carro e fotografava tudo o quanto era acidente com moto. Depois eu vi que era absolutamente corriqueiro. Você vê isso duas, três vezes ao dia, em cada lugar que você passa. Um vitima fatal ou alguma coisa de pesado mesmo, só um acidente comum, a gente não faz porque o jornal não publica.

**15) Por quê o Jornal optou por publicar na capa esta foto ao invés de uma foto que não mostrasse o corpo da vítima?**

Aquela foi a primeira página até porque o corpo não estava totalmente exposto. Ela mostra a pessoa sem estar escancarada. O corpo está coberto, Nós não tínhamos uma foto 3X4 da vítima pra usar como recurso para fazer uma reprodução.

## Apêndice D

### Entrevista Minervino Júnior – Repórter Fotográfico

#### **1) Quando aconteceu seu primeiro contato com fotografia em acidentes de trânsito com vítimas fatais?**

Não me recordo da primeira vez. A que mais me marcou foi um acidente em 2002 ou 2003 com uma *BMW*, onde um carro furou o semáforo. O motorista fez um gato, saiu do semáforo e pegou um *Fiat Uno* em cheio: ele foi arremessado em direção à uma árvore. Ele conduzia as filhas até a escola. Foi muito marcante porque eu fiz a foto das crianças que ainda estavam com as mochilas nas costas. Foi um acidente que repercutiu muito primeiramente por ser próximo à um monumento símbolo de Brasília, a Catedral e depois, pela imprudência de um dos condutores, que na pressa de levar os filhos à escola, cometeu uma infração que veio a ser fatal, pagou com a vida, não só a dele, mas com a dos filhos.

Outro acontecimento que me marcou bastante foi um enterro de uma criança de 7 meses, em Santa Maria. A mãe o tinha levado ao posto de saúde e as funcionárias disseram que o bebê não tinha nada grave. Uma semana depois o bebê morreu no colo da mãe na fila do hospital. Nessa época, o meu filho já tinha nascido. Eu fiquei impressionado como uma criança é tão frágil. Pensei muito no meu filho.

#### **2) Qual é a sua relação com o sujeito fotografado?**

Você sente muita dor, sofrimento. É preciso ser profissional e não deixar se abalar, se comover muito, porque isso acaba comprometendo seu trabalho. A primeira coisa que eu penso é na reação da família, mãe, avós, parentes. Sempre penso nesse lado familiar, sem deixar de mostrar o que estou presenciando.

#### **3) Qual é a orientação do Jornal de Brasília em relação à abordagem fotográfica? Quais elementos podem ajudar na composição da fotografia?**

A nossa orientação é uma foto boa, pra capa. Aí temos aqueles critérios: a foto não deve ser muito forte, pra impactar o leitor. Há leitores que gostam disso: o pessoal de periferia quer saber qual foi o mala da comunidade que morreu. Mostrar corpo sempre foi uma forma de compor a história de onde ocorreu o fato. Um atropelamento: o carro no fundo, se o corpo ainda estiver presente no local., também serve para compor a foto.

#### **4) Pela sua experiência no Correio Braziliense, qual é a diferença da abordagem fotográfica entre os dois jornais impressos?**

O *Correio Braziliense* não publica fotos fortes, partes do corpo, manchas de sangue no asfalto. Eles acham isso muito forte para o leitor. Já no *Aqui DF*, que é um jornal popular, eles aproveitam a abordagem mais escancarada. É outro tipo de abordagem, o público é diferente, de uma classe social que tolera mais isso.

**5) *Você acredita que o estilo de cada fotógrafo pode sobressair à linha editorial do jornal?***

Nem sempre vou conseguir agradar meu editor ou a linha editorial do jornal. Mesmo com a publicação, nada pode alterar o meu olhar, o que eu estou vendo ali, vou fotografar. Independente se vai sair ou não.

**6) *Qual é o seu tipo de abordagem (estilo) fotográfica nessas situações?***

Eu sigo essa linha: nunca se sabe o que o jornal vai querer aproveitar daquela matéria. Você peca por não ter a imagem, mas se você tiver, é mais uma opção. Se de repente, acontece algo inusitado e o repórter fotográfico presenciou e não fotografou, o chefe da fotografia vai perguntar o porquê de não ter fotografado. Por mais que não seja publicada, é a questão de você ter o serviço completo. Isso pode gerar uma falta de sintonia com a reportagem.

**7) *Quantas fotos em média são tiradas em um acidente de trânsito?***

Média de fotos no acidente de trânsito: acidente com 1 vítima – umas 40 ou 50 fotos.- contando cena do local, família, reprodução da foto da vítima, entre 40 e 50 fotos por acidente.

**8) *Como você lida com a família da vítima?***

Se eu não quero que a família me veja fotografando, eu utilizo uma lente tele objetiva de longa distancia e fico fotografando de longe. Isso depende também quando estão outros veículos de imprensa no local. A partir do momento que o meu concorrente faz uma imagem da pessoa que faleceu, eu também tenho que tirá-la. Se meu concorrente chegar a fazer a imagem, não tem desculpa para eu não fazê-la. Se eu volto à Redação, falo que tenho uma foto da família e dizer que eles não me autorizaram a tirar a foto da vítima e se no dia seguinte o meu concorrente publica essa foto, eu posso ser demitido.

No local do acidente, às vezes chega um parente emocionado que ajoelha perto do corpo... isso rende uma boa imagem. Foca o parente e coloca o corpo da vítima desfocado. É uma foto que é mais emotiva, que provoca mais comoção.

**9) *O fotojornalismo aborda de forma ética as vítimas de acidente de trânsito?***

O *Jornal de Brasília* é bem ético. Ele costuma colocar corpo, mas tudo de uma forma mais sutil, algo mais trabalhado, menos chocante. É uma cena onde o corpo compõe a cena. No jornal *Na Hora H* (jornal popular pertencente à Organização Jaime Câmara), você já tem algo mais escancarada. É um jornal bem barato que custa R\$0,25.

**10) *Qual é a linha editorial do Jornal de Brasília?***

Acho que ele é um jornal popular, porém modesto, menos ousado. É um jornal do leitor que vai à banca, não tem o dinheiro para comprar o jornal mais caro e o compra como uma segunda opção.

**11) *Entre os profissionais envolvidos em acidentes de trânsito (médicos legistas, bombeiros, policiais civis), alguma dessas categorias reage de forma negativa ao trabalho do fotógrafo? Se sim, por quê?***

Os profissionais que mais atrapalham são os bombeiros, porque eles sempre estão lidando com o primeiro momento do acidente. Eles têm a missão de não deixar nada

fora do local, preservar o local. Não tem como pedirmos aos bombeiros pararem o trabalho deles para nós executarmos o nosso. Quando o acidente é muito tumultuado e há uma equipe grande de bombeiros, às vezes você não consegue enxergar nada. Você tem uma foto de um carro aonde há uma vítima na frente do carro, mas que não dá pra enxergar. Eles sujam a imagem, mas não devemos deixar de reconhecer o trabalho deles. Mas na questão prática, eles atrapalham por esses motivos.

**12) Como profissional, (após a rotina de fotografar) você passou a ter uma relação diferente com a situação trágica da morte?**

A morte é sempre uma situação desagradável. Mas, de qualquer forma, tenho que manter uma postura de distanciamento perante a situação. Caso contrário, não vou conseguir trabalhar. Não fico refletindo sobre o que aconteceu, pelo menos no instante em que chego ao acidente. Quando a morte é de alguém da minha família, a situação é bastante diferente. É alguém que você ama, que você conhece.

## Apêndice E

### Entrevista Ricardo Nobre – Ex-Editor do Caderno Cidades

Ricardo Nobre trabalhou como editor de cidades do *Jornal de Brasília* durante dois anos. Anteriormente trabalhou por 12 anos por diversas editorias e passou um maior tempo coordenando as editorias de Economia e Política. Começou a carreira de jornalista no jornal de bairro em Niterói *Jornal de Itaipú* em 1982. Alguns anos depois, foi repórter do jornal popular *O Fluminense*. Chegou a Brasília em dezembro de 1985 e trabalhou durante seis meses no jornal *Última Hora* (na época concorrente direto do *Jornal de Brasília* e *Correio Braziliense*), que depois teve o nome mudado para *Correio do Brasil* e, posteriormente, para *Tribuna do Brasil*. Em novembro de 1986 trabalhou no jornal *Correio Braziliense* como editor do caderno de Economia. Foi para o *Jornal de Brasília* em agosto de 1995 e permaneceu até fevereiro de 2008. Atualmente trabalha como *free lancer* em uma assessoria de imprensa.

#### Trechos da entrevista

*“A nossa prioridade era divulgar as notícias do dia, dar um enfoque totalmente local. As chamadas hard news. Quem pauta as matérias é a coordenação da redação, que as passa para o chefe de reportagem. Cabe ao chefe de reportagem dar prioridade para as matérias que são indicadas pela coordenação. No caso de acidente de trânsito, a cobertura depende de algumas coisas. Depende muito da gravidade do que aconteceu. Se houver alguém ferido gravemente ou alguma vítima fatal, nós tínhamos que cobrir. Tem que ser um acidente que influencia no cotidiano da cidade, causa congestionamento, por exemplo. É a linha do jornal.”*

*“Geralmente nós ficávamos sabendo desses acidentes por meio da ronda policial, que é feita pelos repórteres no início da manhã, fim da manhã, início da tarde, final da tarde, até o fechamento do jornal. Já houve casos de acidentes que aconteceram próximo ao fechamento.”*

*“Eu era responsável pela seleção de fotos. O chefe de fotografia fazia uma filtragem do material do fotógrafo e me dava as opções. A palavra final era minha, a não ser que o diretor de redação prefira uma foto específica, mas se ele fica de acordo, eu que decidia qual foto publicar. Quando o chefe da fotografia faz a defesa da foto, tentávamos negociar. A chefia de reportagem não decidia, mas opinava sobre qual foto escolher. As fotos da primeira página são as consideradas melhores. No caso do *Jornal de Brasília* não poderia ser uma foto muito agressiva, a gente nunca optou por essa abordagem.”*

*“O *Jornal de Brasília* dá muita ênfase a acidentes de trânsito. Para o jornal, esse tipo de informação é fundamental.”*